

MARIA CECÍLIA COUTO FERREIRA

**A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA MÍDIA
BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DE NOTÍCIAS DO PRIMEIRO
TRIMESTRE DE 2019 EM PORTAIS ONLINE**

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2019

MARIA CECÍLIA COUTO FERREIRA

**A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA MÍDIA
BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DE NOTÍCIAS DO PRIMEIRO
TRIMESTRE DE 2019 EM PORTAIS ONLINE**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Orientadora: Mariana Ramalho Procópio Xavier

Coorientadora: Thalita Rody Machado

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2019

Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social / Jornalismo
Curso de Comunicação Social / Jornalismo

Monografia intitulada A Violência Contra a Mulher na Mídia Brasileira: uma análise de notícias do primeiro trimestre de 2019 em portais online, de autoria da estudante Maria Cecília Couto Ferreira, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Mariana Ramalho Procópio Xavier – Orientadora
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Me Thalita Rody Machado – Coorientadora
Mestre em Estudos Linguísticos pela UFV

Profa. Me Eugene de Oliveira Francklin
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Dra. Ana Pereira Santos
Doutora em Psicologia pela PUC-MG

Viçosa, 19 de novembro de 2009

RESUMO:

O presente trabalho busca analisar notícias sobre casos de violência contra a mulher presentes em portais de notícia online. O objetivo é analisar elementos de padronização discursiva dessas notícias, de forma a tentar compreender como é feita a cobertura da violência contra mulher em portais de notícia online, usando como inspiração a metodologia de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2009). A escolha pelo tema se deve sobretudo ao fato de que mesmo existindo leis que punam e visam evitar a violência contra mulher, como a Lei Maria da Penha e a Lei do Femicídio, o Brasil ainda é o quinto país mais perigoso do mundo para mulheres. O recorte temporal de análise é o primeiro trimestre do ano de 2019, período onde alguns periódicos afirmaram ter havido um aumento nos crimes contra mulher, também foi escolhido analisar notícias de dois portais online, G1 e R7, devido a abrangência desses portais e pelo fato de que eles possuem linhas editoriais diferentes. As notícias analisadas foram divididas em dois, notícias com casos de violência contra mulher no geral e notícias sobre feminicídios. Tais análises confirmam uma das hipóteses de que a forma como os casos de violência que são noticiados acaba por naturalizá-los e por estereotipar as vítimas, por tratar a violência contra a mulher como algo pontual e não como um fenômeno que atinge toda a sociedade

PALAVRAS- CHAVE: Violência contra a mulher; jornalismo online; patriarcado.

ABSTRACT:

This paper analyzes news about cases of violence against women present in online news portals. The objective is to analyze elements of discursive standardization of this news, in order to try to understand how the coverage of violence against women is made in online news portals. The choice of theme is mainly due to the fact that even though there are laws that punish and aim to prevent violence against women, such as the Maria da Penha Law and the Femicide Law, Brazil is still the fifth most dangerous country in the world for women. The objective is to analyze if the way the reported cases of violence end up naturalizing them and stereotyping the victims, or if the news problematizes violence against women as a problem of society that involves public policies in the criminal and health area. public The timeframe of analysis is the first quarter of 2019, a period in which some journals stated that there was an increase in crimes against women. It was also chosen to analyze news from two online portals, G1 and R7, due to the coverage of these portals and the fact that they have different editorial lines. The news analyzed was split in two, news of cases of violence against women in general and news about femicides.

KEY-WORDS: Violence against women; online journalism; patriarchy.

AGRADECIMENTOS

Início os agradecimentos manifestando a profunda gratidão que sinto a minha família, em especial ao meus pais por terem possibilitado que eu estivesse aqui. Se não fosse o apoio e a confiança que vocês depositaram em mim ao longo da minha vida, eu jamais teria feito metade do que fiz. Obrigada por me orientarem e ainda me deixarem livre para tomar minhas próprias decisões, por serem meu porto seguro e por toda a dedicação e amor incondicional. Sem dúvida essa conquista é uma grande mostra do legado de vocês.

Agradeço a todas as amizades anteriores a universidade, que me fazem resgatar memórias de tempos mais simples e onde existiam outros tipos de preocupações. Obrigada ao apoio e à atenção que eu sempre recebi mesmo estando à 400 km de distância e sendo raríssimas vezes presente fisicamente na vida de vocês. O contato mesmo que raro me mantém fiel a minha essência e às raízes daquilo que plantamos em conjunto.

Sou muito grata às minhas avós e a todas as mulheres da minha família, devido à sua força e suas particularidades, que as tornam tão inspiradoras. Com cada uma de vocês pude aprender lições que carrego para sempre comigo. Com a vó Isa, em especial, aprendi sobre fé, amor, dedicação e doação ao próximo. E com a vó Alexandrina aprendi sobre opinião, flexibilidade, artesanato, e como pequenos detalhes do meio que nos cercam são importantes e merecem ser eternizados pela fotografia.

Durante os anos de Viçosa, uma coisa que me orgulho de ter feito foi conhecer pessoas, seja em razão da universidade, em muitas e muitas entrevistas ou na sala de aula, nos momentos de interação, ou espontaneamente. Talvez a coisa a qual eu seja mais grata foi pela afetação que essas pessoas me proporcionaram. Foi por meio dela que eu me descobri enquanto uma pessoa de gente e por essas pessoas fui inspirada diariamente. Agradeço em especial ao professor Rennan, por me mostrar por meio de aulas que me tiraram do lugar e me fizeram questionar tudo e todos, o quanto a afetação é um elemento importante para a nossa vida em sociedade e que nem tudo é exato, pois somos humanos.

Agradeço a professora Mariana, por desde o começo ter sido uma inspiração e por responder a um e-mail de uma aluna que queria pesquisar a relação do jornalismo e da violência contra a mulher mesmo afastada em um pós- doutorado. Obrigada Mariana por ter embarcado nessa jornada junto comigo e por deixar a sua marca tão presente em mim. E obrigada também por ter me apresentado a Thalita, a melhor coorientadora possível. Thalita, obrigada por praticamente ter pegado na minha mão e escrito comigo no começo quando a escrita acadêmica parecia tão difícil e por ter aberto meus horizontes feministas.

Tenho que agradecer também as duas pessoas que convivem comigo diariamente e que me motivaram ao longo de todo ano e se mostraram interessadas em cada palavra que aqui seria dita. Anna e Isa, se não fossem vocês, minhas colegas de república, não haveria ambiente possível para desenvolver esse Tcc. Não posso deixar de agradecer a Giu, minha amiga mais acadêmica e mestre em ABNT, que ajudou na formatação deste trabalho.

Por fim encerro agradecendo a todas as mulheres feministas ou não, pela sua presença e resistência nesse mundo. Que a força de cada mulher que algum dia sofreu algum tipo de violência siga guiando meus caminhos acadêmicos para que eu seja uma agente de mudança em busca de um mundo mais igualitário.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 - PATRIARCADO, GÊNERO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	10
CAPÍTULO 2 - A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NAS MÍDIAS.....	18
CAPÍTULO 3 - R7 E G1 NA COBERTURA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER:	25
CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
ANEXOS	49

INTRODUÇÃO

‘Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher’, ‘Com essa roupa estava pedindo’, ‘Mas ela quis se separar’, ‘Ela não obedeceu’, ‘O fulano é ciumento mesmo, mas quem gosta é assim’. Essas são algumas expressões popularmente ditas, elas dizem de um contexto onde há presença de mulheres e onde em alguns momentos essas mulheres possuem uma relação direta, afetiva ou não, com um homem. Por trás dessas frases existe uma grande ferramenta de controle social, a violência, e será ela a problemática deste estudo.

A violência contra a mulher, em particular, é um fenômeno que atinge mais da metade da população, independente de raça, classe, credo, profissão, idade e outros fatores. Ela se dá na forma de violência física, sexual ou psicológica. Estatísticas mostram que a cada quatro minutos pelo menos uma mulher sofre algum desses tipos de violência e é atendida pelo Sistema Único de Saúde no Brasil. Mas por que isso acontece?

A violência é uma forma de controle social que os homens exercem sobre as mulheres em razão da manutenção de seu poder na sociedade. Ela acontece porque a vida das mulheres é marcada por “relações, majoritariamente, antagônicas que as colocam em situação de exploração e opressão. As dimensões de poder são exercidas e objetivadas no cotidiano das mulheres, expressando-se das mais variadas formas: no controle da sexualidade, na mercantilização dos corpos, na precarização do trabalho e das várias expressões de violência” (MARQUES e GUERRA, 2017, p.178). Relações antagônicas em relação aos homens, principalmente, que podem ser pensadas da seguinte forma: a princípio a relação entre homem e mulher estava no espaço privado/ doméstico devido a relação matrimonial e a constituição tradicional da família, porém essa relação foi atualizada com a presença de mulheres em espaços públicos, proporcionada, sobretudo, com a inserção da mulher no mercado de trabalho.

A inserção das mulheres no mercado de trabalho, primeiro as mulheres pobres que dependiam do trabalho para a sobrevivência, depois as mulheres de classes abastadas que viam no trabalho uma forma de se emancipar, causou uma mudança na estrutura doméstico-familiar predominante até o momento. A partir disso, as mulheres lutaram pela conquista de outros direitos, como o direito ao voto, ao divórcio e em alguns países até o direito ao aborto. Tais conquistas deixaram de restringir as mulheres ao papel de esposa e mãe e lhes garantiu liberdade para assumirem outros papéis além desses, como médica, professora, cientista e outros. Isso provocou uma tensão nas relações entre homens e mulheres, principalmente relações de poder, demonstrada por meio de comportamentos masculinos que divergem das conquistas das lutas femininas e aparecem na forma de diferentes tipos de violência contra a mulher. Isso não

significa dizer que o fenômeno da violência contra a mulher teve início com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, mas sim significa relacionar o fenômeno e sua ocorrência (possível de ser dita principalmente por meio das denúncias) com uma relação masculina a tomada de alguns espaços pelas mulheres e às conquistas de algumas liberdades, como de ir e vir e financeira.

O fenômeno da violência contra a mulher passou a ser investigado por diferentes áreas do conhecimento como Psicologia, Direito, Antropologia, Ciências Sociais e Políticas e Comunicação, área que perpassa todas as outras e toda a vida social. O tema é estudado sob diversas perspectivas e tendo como base diferentes teorias por ser uma prática muito complexa que atravessa toda a sociedade, não só brasileira mas mundial. A violência contra a mulher é sobretudo estudada sob o ponto de vista de teóricas feministas ou estudiosas de gênero, principalmente cientistas sociais, contudo estudos de profissionais de todas as áreas citadas anteriormente serviram como eixo para pensar esse problema.

Os estudos iniciais a respeito da violência levaram aos primeiros dados que embasaram as pressões de grupos populares e mobilizaram a criação das primeiras leis e políticas públicas para combater o fenômeno, a partir disso a violência contra mulher passou a ser uma pauta política e um fenômeno quantificado e qualificado. A Constituição de 1988 foi o primeiro documento brasileiro a estabelecer plena igualdade jurídica a homens e mulheres no país. A partir dela houve a criação de políticas públicas, como a PEC das Domésticas de 2012, o Mapa da Violência Contra a Mulher; de ministérios como o Conselho Nacional dos Direitos da Mulheres (CNDM), a Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres (SNPM), e de novas leis como a Lei Maria da Penha e a Lei do Femicídio.

Contudo, na cultura brasileira ainda é uma ‘tradição’ legítima banalizar a violência contra a mulher. Em virtude disso, surgiu em 2006, a Lei 11.340, também chamada de Lei Maria da Penha, com o objetivo de criar mecanismos jurídicos para prevenir, punir e erradicar todo e qualquer tipo de violência contra a mulher, ela dá respaldo jurídico às vítimas de agressão. A lei foi estruturada para que houvessem três tipos de intervenção, a criminal, a de proteção dos direitos e da integridade física da mulher e a de prevenção e educação. Ela propõe ainda uma integração jurídica com políticas públicas que envolvam segurança pública, saúde, assistência social e educação e a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; além de classificar os tipos de violência contra a mulher nas seguintes categorias: violência patrimonial, violência sexual, violência física, violência moral e violência psicológica.

Outra lei surgida pelas mesmas razões foi sancionada em 2015, e é a Lei nº 13.104, conhecida como Lei do Feminicídio, que classifica a prática como crime hediondo no Brasil. Se configura feminicídio quando as causas são comprovadas, podendo ser: agressões físicas ou psicológicas, abuso ou assédio sexual, tortura, mutilação genital, espancamentos entre qualquer outra forma de violência que gerem a morte de uma mulher por exclusiva questão de gênero.

Anteriormente foi dito que a Comunicação é uma área do conhecimento que atravessa todas as outras e toda a vida social, isso porque a comunicação é a base da vida em sociedade, é por onde se dão as interações. Além disso, a comunicação, sobretudo a vertente do jornalismo, tem como função primária informar a sociedade a respeito do que está acontecendo. Pensando nisso, é possível relacionar jornalismo e violência contra a mulher, na forma de cobertura desse tipo de fenômeno.

Nem todos os casos de violência contra a mulher são noticiados e têm repercussão midiática isso porque os casos que envolvem camadas menos abastadas da população aparecem em pequenas notas e de forma a naturalizar o espaço em que essas pessoas existem como local para violência e estes sujeitos atores ou vítimas da violência contra a mulher. Vincular pobreza a criminalidade, culpabilizando populações à margem favorece tipos de repressão por parte de mecanismos institucionais, que o fazem desconsiderando fatores sociais, econômicos e históricos responsáveis por elevados índices de violência contra a mulher em alguns espaços.

Os meios de comunicação contribuem para que haja a reprodução e manutenção da ideologia dominante, de seus valores, hábitos de vida e de consumo, especialmente porque os veículos midiáticos são propriedade de algumas famílias da elite brasileira. Por isso é possível pensar que o conteúdo veiculado por esses meios exerce o papel de manter consensos e controles principalmente sob a classe trabalhadora e grupos marginalizados, como pobres, negros e mulheres.

O objetivo central da pesquisa é compreender de que forma os tipos de violências sofridas pelas mulheres são ditos publicamente a partir das notícias divulgadas sobre o tema, no primeiro trimestre de 2019. Para tanto foram escolhidos os portais G1 e R7 por possuírem linhas editoriais diferentes. Por meio da análise das notícias pretendemos identificar elementos de padronização discursiva nas notícias analisadas e comparar as notícias sobre o mesmo fato nos diferentes portais, para identificar possíveis mudanças de angulação, além de identificar e analisar as vozes presentes nas notícias sobre Violência contra a Mulher.

1- PATRIARCADO, GÊNERO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

No presente capítulo, pretende-se explicar qual a relação entre regime patriarcal e as noções de Gênero e como isso corrobora para a existência da violência contra mulher. Entende-se a violência contra a mulher como uma prática criminosa baseada crença masculina de superioridade que acomete mulheres de diferentes classes sociais e de todos os tipos, negras, brancas, magras, gordas, idosas, crianças, indígenas, solteiras, casadas e etc. Tomaremos para explicar como essa violência se configura na sociedade os conceitos de Patriarcado e Gênero e também legais a respeito da violência contra mulher e dos mecanismos para coibi-las. O objetivo deste capítulo é compreender o que está por trás da violência e a sustenta, muitas vezes de formas invisíveis. Teóricas como Heleieth Saffioti, Joan Scott e Tânia Swain foram as principais referências utilizadas.

O patriarcado pode ser compreendido como um regime em que o poder está centralizado nas mãos dos homens, sob a figura do pai ou do marido. Dessa forma as características masculinas são consideradas melhores que as das mulheres e aos homens são impostas características e comportamentos que reforcem essa superioridade masculina, como força e virilidade. Essa atribuição de valores é binária, para homem e mulher, uma vez que de acordo com o que o patriarcado prega a sociedade é dividida apenas entre homens e mulheres. Tal fato foi posto pela cultura ocidental de forma a-histórica, ou seja, de forma universal para que houvesse um entendimento geral de que desde a origem dos humanos e em todos os lugares do mundo desde sempre esta era a lógica operante, contudo algumas pesquisas feitas por historiadores e antropólogos mostram que houve sociedades não patriarcais em alguns lugares do mundo, como pequenas tribos da Ásia. A noção de universalidade do patriarcado é fundamental para que ele seja tão forte na sociedade e guie comportamentos tanto de homens como de mulheres (SWAIN, 2014)

O patriarcado está naturalizado e enraizado na sociedade, uma das formas nas quais ele se mostra é por meio de atitudes ditas machistas, ou seja, atitudes que tendem a reforçar a ideia de superioridade de homens em relação a mulheres e que por isso beneficiam homens, como dizer que uma mulher dirige mal pura e simplesmente porque ela é mulher, ou o estupro de uma mulher. Tais atitudes podem vir tanto de homens como de mulheres e de forma consciente ou não pensamentos e comportamentos machistas são reproduzidos na sociedade, a sexualização de mulheres em propagandas de cerveja é um exemplo disso. A força do patriarcado enquanto uma espécie de instituição social está no fato de que independente da presença do patriarca, há legitimidade devido ao enraizamento dessa prática socialmente. Segundo Hartman (1979), o

patriarcado é um pacto masculino para garantir a opressão das mulheres, por meio de hierarquias e da solidariedade dotada das relações masculinas se estabelece e se mantém o controle sobre as mulheres.

O patriarcado é, para Tânia Swain, “todo um sistema de dominação e convencimento instalado para criar a diferença e a desigualdade, com a instituição binária da sociedade e sua assimetria” (SWAIN, 2014, p.5). Ou seja, o patriarcado é um sistema que foi criado para ‘justificar’ as relações de poder assimétricas entre homens e mulheres tendo como base a diferença sexual, sexo biológico. Dessa forma, todo tipo de relação social que envolve homens e mulheres se dá de forma desigual, uma vez que nessas relações, o homem quase sempre terá mais poder que a mulher. Tal poder pode se manifestar na forma de força física, respaldo legal, confiança, legitimidade, inteligência e credibilidade, por exemplo. Quantas vezes uma mulher foi desacreditada e/ou silenciada e quando um homem disse o mesmo que ela havia dito confiaram nele? Quantas vezes ao ler uma citação imagina-se que ela foi escrita por um homem e se surpreende quando foi feita por uma mulher? Quantas vezes chamaram um homem para carregar algo pesado como se uma mulher não conseguisse fazê-lo?

As indagações anteriores são reflexos do patriarcado e para compreendê-las melhor pensaremos como Swain (2014), que enxerga o patriarcado como um dispositivo com três interfaces.

[...] discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 1988, p.244).

A partir desse conceito ela pensa no patriarcado como um dispositivo composto pela interface amorosa, sexual e da violência.

Em primeiro lugar, temos o dispositivo amoroso, aquele responsável pela manutenção dos papéis sexuais femininos de esposa e mãe. Por meio desse dispositivo, a vida feminina fica restrita ao espaço doméstico, a heterossexualidade é posta de forma coercitiva e a estrutura tradicional de família é mantida, sendo essa manutenção de responsabilidade da mulher. Nessa perspectiva, o amor de um homem passa a ser o maior objetivo da vida da mulher, ao ponto que o maior objetivo da vida masculina é o sexo. A partir desse dispositivo é criada a referência de beleza e comportamento que as mulheres devem assumir de acordo com o desejo masculino e de forma a fazer as mulheres acreditarem que seu maior objetivo é o amor de um homem e por isso buscar opiniões masculinas a respeito de qual belas e desejáveis são e a respeito de comportamentos e atitudes em busca de agradar sempre ao sexo

O segundo dispositivo é o da sexualidade, ele transforma as mulheres em um corpo sexuado que precisa ser ‘domesticado’ para corresponder aos valores e expectativas que a sociedade tem para com ele. O referencial desse dispositivo é o sexo biológico, uma vez que todo poder simbólico é centrado no pênis, e sendo esse um órgão unicamente masculino as mulheres não possuem o mesmo poder que os homens por não possuí-lo. A ação desse dispositivo é que constrói uma espécie de contrato sexual entre homens e mulheres, onde os homens se apropriam dos corpos femininos por meio do casamento, estupro, posse, emprego de força e outros, de forma a manter seu poder sob as mulheres.

O último dispositivo é o da violência, que atua de forma direta e física sobre qualquer ação feminina que tente desafiar o poder patriarcal. Essa ação pode se dar por meio de ameaça, sequestro, assassinato, incesto, pedofilia ou outros tipos de intimidação. As pressões e as violências do dispositivo patriarcal são sentidas nos corpos femininos; além disso

é nele também que os feminismos percebem o ponto nodal da dominação. Ou seja, a liberdade do corpo ainda é uma liberdade atravessada pelas normas, já que este corpo define as mulheres como seres incapazes de gerir seu próprio ventre, sua própria maneira de se transformar em sujeito político (SWAIN, 2014, p.7)

Limitar o corpo das mulheres significa dizer, antes de tudo, que estas não têm autonomia sobre seus corpos. Não podendo escolher o que vestir, onde ir, e nem a respeito de intervenções médicas como um aborto ou ligadura de trompas, por exemplo. Quer dizer silenciar uma mulher, e restringir os espaços em que ela pode estar, seja por meio de intimidação, medo ou uso da violência. Por fim, significa achar uma mulher inferior e por isso acreditar que se tem direito sobre o corpo dela, sobre a vida dela.

Os três dispositivos reiteram que “a esfera doméstica é considerada como particular, não devendo sofrer interferência externa, mesmo em casos de violência” (SWAIN, 2014, p.6). O popular ditado “em briga de marido e mulher não se mete a colher”, por meio do qual é possível apreender que a ação do dispositivo patriarcal no espaço doméstico não sofrerá nenhum tipo de ruptura, uma vez que esse espaço é considerado o local onde há maior expressão da assimetria na relação de poder homem-mulher, onde o homem tem mais poder, é mais opressor e é mais respeitado, e onde a mulher é mais serva, oprimida e inferiorizada.

O dispositivo patriarcal tem sua ação pautada na assimetria das relações de poder entre homens e mulheres. Para Saffioti (1999), uma ação violenta surge em um momento onde o sujeito sente que está perdendo seu poder ou se depara com sua impotência e por isso busca a

destruição ou ataque da subjetividade de um indivíduo por parte de outro. Pensando no contexto da violência contra a mulher, ela se dá quando o homem sente que está perdendo o poder que possui sobre a mulher, o controle sobre a mesma. O poder, para Saffioti (1999), tem a face da potência e da impotência, sendo as mulheres familiarizadas com a última, mas não os homens, pensando que quando eles têm uma atitude violenta estão agindo sob o efeito da impotência. “A violência surge, assim de sua incapacidade de exercer o poder absoluto sobre a mulher, sendo antes uma demonstração de fraqueza e impotência do que de força e poder” (SOIBERT, 2015, s.p).

Um dos tipos de violência ao qual as mulheres são expostas é a violência doméstica, um exemplo concreto da relação de poder assimétrica que acontece dentro de uma relação afetiva entre um homem e uma mulher. Tendo essa noção, é possível mobilizar os três dispositivos para entender como ela acontece. A violência doméstica se dá por meio do Ciclo da Violência, conceito que será explicado adiante. De acordo com a ótica de poder patriarcal, é preciso mostrar que a violência doméstica não é uma expressão unilateral do temperamento violento de uma pessoa, mas é tramada conjuntamente por vários indivíduos e instituições sociais, que colaboram para a manutenção de papéis sociais que garantem legitimidade à ação do agressor. Isso porque as relações patriarcais, suas hierarquias e sua estrutura de poder atravessam todo o tecido social. O direito patriarcal extravasa a sociedade civil e penetra o Estado. As diferenças sexuais são, então, convertidas em políticas e passam a denotar liberdade ou sujeição dos grupos sociais.

Para Saffioti (1987), a desigualdade a que mulheres são expostas pode ser pensada e analisada como um tripé, ou nó, formado pelo capitalismo, racismo e patriarcado. Entendendo que esses regimes estão intrinsecamente relacionados e acontecem simultaneamente a violência contra mulher é condicionada pelas relações desiguais estabelecidas entre homens e mulheres, pelas relações de classe, de raça e etnia.

A dinâmica assimétrica de poder entre homens e mulheres encontra-se pautada também no que pode ser compreendido como gênero. Para Scott (1989), gênero é um elemento que constitui as relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos biológicos, entre homens e mulheres. O gênero diz respeito a papéis sociais, expectativas, comportamentos, aparência física e discursos e lugares que homens e mulheres assumem na sociedade. No presente estudo vamos nos ater ao gênero enquanto mulheres. Esse conceito implica em símbolos culturais de mulher; em conceitos educativos, religiosos, científicos, jurídicos e políticos; em uma identidade subjetiva, que pode ser pensada nas relações de poder e na construção individual deste; em um sistema de parentesco que se refere à esfera doméstica e

familiar. Scott também afirma que gênero pode ser uma lente de percepção pela qual é ensinado o que é ser homem e mulher.

Gênero da forma como é concebido por Saffioti e Swain, assimila o binarismo social que o patriarcado institui. Porém correntes de pensamento feministas, ao utilizar gênero para se referir às mulheres acabam por englobar nos estudos sobre o tema grupos como transexuais e outros. Isso porque entende-se que a forma como o feminino e o masculino são construídos é social, sendo um reflexo a hierarquia entre homens e mulheres e na estrutura de poder, segundo Scott (1989).

Mobilizar o conceito de gênero, nesse sentido, nos ajuda a compreender, para além dos papéis sociais e construções sociais, as vantagens e desvantagens políticas e econômicas de ser mulher na sociedade patriarcal. O gênero age, principalmente, de forma a desnaturalizar papéis sociais e expô-los enquanto uma construção social.

Aproximar discussões relativas ao conceito de gênero às formas de violência contra a mulher implica, portanto, reconhecer e desvelar as relações de poder que perpassam as violências a que mulheres são submetidas. A violência doméstica tem como raiz o patriarcado e tomando os três conceitos de dispositivos explicados anteriormente é possível compreender a violência doméstica como uma ação do dispositivo da violência tendo o auxílio dos outros dois. Uma vez que a violência acontece dentro de uma relação afetiva (dispositivo amoroso) em um contexto onde para manter-se no poder dentro da relação uma mulher é violentada por um homem que pode ser seu parceiro, ex parceiro, pai, vizinho ou familiar. O dispositivo sexual entra nesse caso pois muitas vezes se fala de violência sexual, estupro, abuso, assédio.

A violência da qual se pretende falar, faz parte do chamado ciclo da violência. Esse termo surgiu em 1979 e foi criado pela psicóloga estadunidense, Lenore Walker. O ciclo da violência, é uma das formas de ação do dispositivo da violência corresponde a uma espécie de ferramenta com que se pode identificar padrões abusivos em um relacionamento afetivo (SWAIN, 2014). Ele é constituído por três momentos, ou fases, a primeira é chamada de Aumento da Tensão, esse é o momento em que o agressor tem acessos de raiva, humilha a vítima, ameaça e destrói objetos; a vítima tenta acalmá-lo e evitar qualquer comportamento que o provoque. A primeira fase pode durar até mesmo por anos até atingir a segunda fase. Na segunda fase toda a tensão acumulada na Fase 1 se materializa e o ato violento acontece, nas formas de violência verbal, física, psicológica, moral ou patrimonial, o que, em um primeiro momento, provoca na vítima impossibilidade de reação. Posteriormente, é acontece o momento em que a vítima toma uma atitude que pode ser: buscar ajuda, denunciar, se esconder na casa de amigos e parentes, pedir a separação e até mesmo suicidar-se. A terceira fase é aquela em

que o agressor se arrepende e se comporta amavelmente em busca de uma reconciliação. A vítima se sente confusa, pressionada socialmente, sobretudo quando o casal tem filhos, e responsável pelo agressor, podendo aceitar as desculpas e retomar o relacionamento ou não. A dependência psicológica do relacionamento aumenta e, passada essa fase, a tensão volta e o ciclo recomeça.

Uma mulher imersa no ciclo da violência sente um misto de medo, confusão, ilusão e culpa. Isso porque o patriarcado faz com que as mulheres tenham uma relação com a culpa diferente dos homens. Nesse sistema/dispositivo as mulheres são educadas para se sentirem culpadas, independente de qual fundamentada racionalmente seja essa culpa. Ruth Benedict (1988) denomina isso de civilização da culpa, que é mais uma forma de manter as mulheres sob o domínio masculino, mesmo quando elas são vítimas de ações masculinas e que é possibilitada pela ação do dispositivo amoroso (SWAIN, 2014), uma vez que ele é o grande responsável pela ‘educação’ das mulheres, educação, esta, que mantém o domínio masculino sobre as mulheres e que põe as mulheres em posição de servas para os homens.

Durante todo um relacionamento abusivo, que pode ser entendido como um relacionamento onde há privação da liberdade e jogos emocionais e excesso de controle sob uma das pessoas envolvidas, há presença de violências emocional e moral. Essa violência aparece na forma de ação do dispositivo violento do patriarcado (SWAIN, 2014) e gera todo tipo de consequências negativas à saúde mental da vítima e a sua subjetividade, além de também violar a integridade física da vítima em muitos momentos.

Relacionamentos abusivos não são somente aqueles em que um homem violenta de inúmeras formas sua companheira, porém devido a força do dispositivo patriarcal eles são mais comuns. Um dispositivo, para Foucault (1988), é pensado como um conjunto de discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, onde um dispositivo é formado por elementos ditos e não ditos e pode ser entendido como a rede que une esses elementos. Ele tem como função engendrar e multiplicar tramas de poder que criam e controlam os indivíduos, por isso está presente em diversas instituições sociais mecanismos que colaboram para que situações comuns em relacionamentos abusivos continuem existindo. Ainda há uma naturalização da violência contra mulher e a crença de que ela é uma questão isolada que acontece somente no espaço doméstico e de intimidade de um relacionamento.

As reivindicações de grupos populares, sobretudo feministas, fez com que a violência contra a mulher deixasse de ser vista como um fato isolado e como um aspecto da dimensão privada da vida de um casal em um relacionamento abusivo. Tais reivindicações contribuíram

de maneira decisiva para pesquisas quantitativas e qualitativas sobre o tema e as provas de que um crime de incide sobre metade da população deve ter uma legislação específica e políticas públicas voltadas para seu combate. Apesar da existência dessas ações, os crimes de violência contra a mulher continuam existindo e muitas vezes não sendo denunciados em razão da falta de punição do agressor e da condição em que a vítima é colocada ao fazer a denúncia.

O contexto em que a violência contra a mulher acontece é extremamente complexo, como explicado anteriormente, isso repercute na dificuldade que as vítimas sofrem de denunciar a violência. A denúncia, em casos de violência doméstica, influencia diretamente na estrutura familiar, na relação com os filhos, caso haja filhos, se relaciona a dependência financeira, que é um dos principais fatores que dificulta a denúncia, e ao fim do casamento. A ação do dispositivo amoroso do patriarcado (SWAIN, 2014) justifica a dificuldade de denunciar e a permanência da mulher no ciclo da violência. Uma vez que esse dispositivo coloca a mulher como total responsável pela manutenção da família e pretende fazer com que o principal objetivo da vida feminina seja o amor de um homem. Essa prerrogativa faz muitas mulheres permanecerem em relacionamentos violentos e muitas vezes sequer imaginarem que existem outros tipos de relacionamentos afetivos que podem ser vividos por elas.

Além disso, a mulher em situação de violência passa por situações de constrangimento social causadas tanto no momento de denúncia na Delegacia de Mulheres, quando existe a delegacia especializada, o que não acontece em todos os lugares, quanto quando a mulher tem que provar de inúmeras formas a violência sofrida, e muitas vezes ainda é desacreditada pelos profissionais, que busca características e comportamentos da vítima que justifiquem a agressão sofrida, de forma a deslegitimar e a qualificar negativamente a vítima de agressão. A violência contra a mulher, quando exposta por meio da denúncia, provoca uma mudança na forma como a sociedade verá essa mulher e pode gerar um trauma tão grande na vida da mesma, quanto a própria violência sofrida. Isso acontece pois por mais que exista legislação especializada para combater esses crimes e outros mecanismos, não houve capacitação total dos profissionais que vão lidar diretamente com vítimas e criminosos, ou seja, nem todos profissionais estão preparados e por isso agem de forma pouco empática em relação a vítima e pouco crítica em relação ao criminoso.

A ação do dispositivo patriarcal na sociedade cria homens que acreditam serem superiores pelo simples fato de serem homens e que também acreditam que devem combater qualquer ação feminina que visa modificar de alguma forma seu poder superior. Esse combate não se dá somente por meio da violência física explicitamente, mas também na forma de silenciamento feminino, de subestimação da capacidade de uma mulher, na não contratação de

uma mulher em um cargo pelo fato de ser mulher, na descrença de algum fato simplesmente porque foi uma mulher que disse, na desigualdade salarial entre homens e mulheres, na desigualdade política e presença de mulheres parlamentares, entre outras violências não materiais mas vividas pelas mulheres. Além disso, a produção de parâmetros de valores, aparência e comportamentos femininos é mais uma forma de violência que recai sobre o corpo das mulheres. A hipersexualização e a dita responsabilidade pela sedução que faz com que os homens com sua sexualidade incontrolável violem os corpos femininos são mais formas de violência.

Tendo em mente que as desigualdades entre homens e mulheres são causadas por uma estrutura de poder, vista como universal sob a perspectiva machista/ patriarcal, por um dispositivo complexo que cria tramas de poder e que controla indivíduos, conclui-se como a violência contra a mulher acontece em mais de uma esfera e de forma a atravessar todo tecido social. O entendimento do patriarcado enquanto responsável por esse grande problema é fundamental para entender a raiz/ causa da violência contra mulher e a forma como ela naturalizada e tolerada socialmente. Este estudo pretende problematizar a violência contra mulher partindo de uma perspectiva comunicacional, logo que também atravessa a sociedade.

2- A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NAS MÍDIAS

O jornalismo é uma atividade que ocorre por meio da difusão de informações, em busca de instruir, indagar, noticiar, esclarecer e promover questionamentos entre a população. A partir dessas características, autores como Moretzsohn (2002) argumentam que o jornalismo é responsável pelo direito à informação objetiva e dita imparcial da sociedade. Contudo, sua ação não se encontra à parte da vida social e por isso, sua atividade é mediada¹ pela forma como as notícias são apreendidas pelos leitores/telespectadores/ouvintes, de acordo com o contexto em que vivem e com os valores de cada um, sendo passível mais de uma interpretação.

A legislação brasileira admite um modelo de comunicação dividido em três tipos, estatal, pública e comercial. Dessa maneira a comunicação estatal se refere aquela feita por órgãos do governo e prestar contas, estimular engajamento em políticas públicas e reconhecer ações promovidas pelos governantes, um exemplo disso é a TV Senado. A comunicação pública é feita por grupos da sociedade civil organizada e voltada aos interesses desse público, sendo comprometida a produzir informação com liberdade editorial, o que significa desvinculada da fonte de poder executivo que a mantém, segundo Iluska Coutinho (2013). No Brasil, um exemplo é a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), entretanto devido aos últimos rearranjos governamentais ela também tem se voltado à comunicação estatal, o que é inconstitucional. Já a comunicação comercial é aquela realizada por empresas ou grupos de comunicação visando os interesses desse segmento e seu lucro. A partir dessa divisão e das funções do jornalismo, pode se pensar que a comunicação pública é a com maior poder de promover indagações e questionamentos a respeito de temas da vida social, contudo a forma como o jornalismo é feito no Brasil privilegia a atuação da comunicação comercial, representada por grandes grupos que atuam em mais de um tipo de veículo de comunicação, e que não tem teoricamente que ter esse compromisso social ao realizar sua atividade. A comunicação comercial é a predominante no Brasil, segundo o Coletivo de Comunicação Social, Intervenções, cinco grupos detêm mais de 50% dos veículos de mídia do país². Dentre esses grupos em primeiro lugar estão as

¹ A noção de mediação na concepção de Silverstone (2002), se refere a função exercida pela mídia, em segunda ordem, de selecionar e transformar signos e discursos, seja em grande ou pequena escala, seja de forma a tratá-los como importantes ou não. Essa mediação é de segunda ordem porque em uma primeira ordem a sociedade já é mediada por questões econômicas, políticas e sociais, independentemente da ação de meios do jornalismo e outros meios de comunicação. Para Silverstone, tal mediação diz muito sobre os processos políticos e econômicos vigentes.

² Disponível em: <https://apufpr.org.br/cinco-grupos-controlam-50-dos-principais-veiculos-de-midia-do-pais-diz-relatorio/>. Acesso em 26 set. 2019

Organizações Globo, da família Marinho, responsável pelo portal G1, e em terceiro lugar está o Grupo Record, da família Macedo, responsável pelo portal R7.

Por ser o mais expressivo e estar nas mãos de grupos da elite, o jornalismo comercial reflete interesses dessa elite e atua de forma a reproduzir e a manter as relações de poder que privilegiam esse grupo. Tudo isso com respaldo da legislação como visto anteriormente, mas de forma não explícita. A força desse tipo de jornalismo se dá pela diversidade de meios de comunicação que ele mobiliza e pela sua presença em grande parte do território nacional.

Os meios de comunicação podem ser entendidos como todo instrumento e recurso utilizado para a finalidade comunicativa, como celular, internet, jornal e outros. Devido a diversidade desses meios eles atuam por meio de mais de um tipo de linguagem, escrita, radiofônica, audiovisual e multimídia. O controle de um pequeno grupo e a ampla ação fazem com que seja possível pensar que o conteúdo veiculado por esses meios de comunicação pode exercer o papel de manter consensos e controles na sociedade.

Além disso, a atuação dos meios de comunicação é também mediada pela relação que essa atividade possui com os grupos que detêm maior poder econômico, o que em uma organização social capitalista significa possuir poder de influenciar em decisões de ordem política e social também, sobretudo as elites políticas e empresariais. Esses grupos representam minorias numéricas que buscam a manutenção das relações assimétricas de poder, nas quais são privilegiados. Assim, não lhes interessa a função primária do jornalismo, e sim o jornalismo enquanto um recurso de manutenção do status quo. Logo, o interesse desses grupos é divulgar a informação de forma a obter lucro, e promover questionamentos ou indagações que direcionam para aquilo que é de interesse de quem domina os meios de comunicação. (MARQUES; GUERRA, 2017)

As empresas jornalísticas estão envoltas em arranjos da vida social, assim como seus jornalistas, que também são indivíduos imersos na vida em sociedade, e por isso carregam valores e visões de mundo próprios, que influenciam na produção das informações. Entretanto, ainda que a individualidade dos jornalistas se manifeste na produção noticiosa, alguns critérios de racionalização da produção tendem a minar essa influência em busca da tão almejada objetividade e imparcialidade. Isso pode ser alcançado quando o jornalista apresenta provas auxiliares, utiliza falas completas de suas fontes e estrutura a notícia na forma convencional; quando é apresentada, na notícia, mais de uma visão a respeito do mesmo fato e, assim, o leitor pode chegar a sua própria conclusão; quando há uso de dados de pesquisas ou documentos de fontes oficiais para fundamentar a notícia, conforme afirma Tuchman (1972). Existem, ainda, outros critérios de produção jornalística que são interpelados pelo contexto em que a notícia é

produzida e pelas relações de poder vigentes. Eles são os critérios de noticiabilidade e valores notícia³.

A noticiabilidade é um conceito que diz respeito aos fatos que devem/merecem ser relatados, em função de seu possível interesse público. A informação (fato/acometimento) é a matéria-prima e a notícia é o que acontece quando essa informação é tratada jornalisticamente, tendo como pano de fundo os conflitos na esfera pública, valores culturais e a intersubjetividade jornalística (SILVA, 2005). Além da noticiabilidade, os valores-notícia são utilizados para explicar por que alguns acontecimentos são noticiados e outros não.

O interesse público é o que norteia o processo jornalístico. A partir dele, é pensado, também, no poder de afetação na vida social que uma notícia pode ter. Isso se justifica pelo fato de o jornalismo teoricamente servir ao interesse público, atender ao bem comum e fundamentar a opinião pública, segundo Silva e França (2017). Assim, a produção discursiva desses veículos, somada a sua circulação e às representações noticiadas, repercutem socialmente e atuam na conformação de algumas questões da vida social, como no caso de divulgação de notícias situação de vulnerabilidade econômica e sua superação, onde o fato da desigualdade é deixado de lado e o foco acaba sendo no esforço individual e na conquista de algo. Porém não é possível pensar nessa produção discursiva isenta de carga ideológica, vinda sobretudo dos grupos detentores dos meios de comunicação. A carga ideológica presente no discurso jornalístico pode provocar a naturalização de práticas, de papéis sociais estereotipados e de condutas opressoras. Para o autor,

as mídias informativas definem o que é verdade- o que é acontecimento e o que dele deve ou pode ser noticiado- não apenas para si, na sua leitura do mundo, mas também em relação uns aos outros, constituindo-se como uma espécie de instância avaliadora posicionando-se diante da complexidade dos fenômenos, produzindo narrativas diversas e buscando garantir a legitimidade da sua ação e todo o ‘sistema’ (ANTUNES, 2016, p.55)

Algumas correntes de pensamento da comunicação ainda afirmam que a mídia define o que é verdade de acordo com o que noticia, ao produzir narrativas que legitimam a ação de sistemas como o capitalista, o racista e o patriarcal. Por isso define, por exemplo, a verdade acerca de uma notícia sobre um caso de violência contra a mulher. Isso é comprovado pois “os

³Valores- notícia são atributos que orientam principalmente a seleção inicial dos fatos, eles são principalmente valores sociais e interesses ideológicos que predominam num dado contexto sócio-cultural, segundo Silva e França (2017, p.8)

textos jornalísticos articulam sentidos a partir de um conjunto de presenças e ausências“ (ANTUNES, 2014, p.65).

Além disso, é preciso questionar no veículo em que estão presentes as notícias que serão analisadas, os portais de notícias online. Esses veículos surgem no fim dos anos 1990, trazendo um novo formato de criação da notícia. Por meio deles, surge uma nova forma de apresentação das narrativas jornalísticas, que passa a utilizar de recursos multimídia como elementos da narrativa e em que no momento de produção já é estabelecido o local da memória, pois os portais atuam também como repositórios de notícias ou bancos de dados/informações. Nas notícias presentes em portais, há hiperlinks e recursos como sons, vídeos, animações, infográficos e outros, que complementam a informação textual. Além disso, os portais são interativos, através de chats, fóruns e enquetes, além de possuírem a opção de selecionar notícias de acordo com o interesse individual e localidade de quem acessa. A interação dos portais também está presente no espaço em que os leitores podem fazer comentários, local onde a opinião sobre a notícia é colocada e onde há uma interlocução entre os leitores (HERSCOVITZ, 2009).

Os portais de notícia online disponibilizam a informação de forma gratuita na maioria das vezes, isso é possível, principalmente, devido a presença de anúncios online e também devido ao fato de que a lógica do jornalismo feito na internet admite a informação como uma mercadoria. Assim, de acordo com Moretzsohn (2000), o valor da notícia não é propriamente sua informação mas como ela se relaciona às necessidades das pessoas e como ela será oferecida. Ela ainda afirma que não se consome nada apenas pelo que o produto é, também é consumido os valores extras atribuídos ao produto, como status, bom gosto, poder, beleza, juventude e outros. Tratar a notícia como uma mercadoria modifica as pautas e a forma de apuração jornalística. É preciso produzir mais para, teoricamente, informar mais e de forma mais acelerada, o que provoca apurações rasas e notícias superficiais. Esse grande volume de produção noticiosa cria nas pessoas a impressão de as notícias estão sendo transmitidas em tempo real, isso porque o processo de produção da notícia nesses locais aproxima muito o acontecimento/fato da informação/notícia.

De forma geral, observa-se que, ao noticiar a violência, há um enfoque nos detalhes relacionados ao crime, fato que tira a informação jornalística do foco e o coloca na repercussão e na perpetuação do interesse pelo crime. Outro fator que aumenta a repercussão de um crime é o tom no qual ele é noticiado, tratar um crime de violência de maneira informal reflete de forma a banalizá-lo e a transformá-lo em algo comum no imaginário dos indivíduos. Isso acontece quando a caracterização dos criminosos ocorre de forma a atrair audiência, que se dá

quando eles são apresentados como pessoas comuns com hábitos normais. E, também, quando apenas o discurso oficial, que vem muitas vezes das autoridades legais, é ouvido, de forma a silenciar as vítimas e a proteger criminosos.

Em relação ao que pode ser chamado de cobertura da violência, os veículos de comunicação, de forma geral, reproduzem a racionalidade burguesa, que pode ser compreendida como o horizonte predominante em todas as dimensões da vida social (SANTOS, 2010). Eles o fazem quando os acontecimentos são enquadrados conforme modelos hegemônicos e estereotipados, que normalmente refletem imaginários das elites que dominam os meios de comunicação e por isso buscam manter relações de poder. Enquadrar/ formatar a cobertura da violência significa admitir, ajeitar e tolerar que a violência exista, ao invés de problematizá-la, de buscar responsáveis e de considerar um crime violento uma manifestação de um contexto, e não um fato isolado. É perceptível quando:

a mídia tende a naturalizar e banalizar o fenômeno, ora situando-o geograficamente (típico das periferias), circunscrevendo a determinados segmentos da classe trabalhadora (pauperizados), ora subjetivando-o (tomando-a como atos insanos, loucos). (GUERRA, 2017, p.170)

A cobertura jornalística é interpelada por sistemas sociais como capitalismo, racismo, colonialismo e patriarcado. Por isso, Ponte (2005) afirma que o fato do jornalismo ser feito por homens e mulheres também é um fator que colabora para a racionalização da violência e sua consequente banalização. Segundo a autora, a relação entre identidades de gênero e o exercício da profissão aparece, em um primeiro momento, no imaginário social. Quanto aos homens, é esperado que se aja conforme o papel social masculino, de forma objetiva e neutra, sem reportar sentimentos; das mulheres é esperado que haja uma dificuldade de reportar isoladamente os fatos, realizando uma cobertura jornalística menos objetiva e carregada por afetos. Isso direciona, em grande parte das vezes, os homens para coberturas de política, economia e violência, por exemplo, e as mulheres para áreas como cultura, moda e comportamento.

A manutenção de homens na cobertura da violência reforça a tentativa de racionalizar e objetificar esses fatos e reafirma a visão masculina a respeito da violência. Porém, a presença de mulheres nessa área pode trazer os mesmos efeitos, uma vez que para realizar a cobertura esperada, muitas vezes essas mulheres têm que agir da mesma forma, não conseguindo aprofundar a discussão da violência e nem problematizá-la, devido a reprodução de comportamentos tipicamente masculinos de maneira inconsciente ou pois essa é a forma com que é possível ocupar espaços de cobertura da violência enquanto mulher.

Fundamentalmente é importante chamar a atenção para o fato de que também a mídia e o jornalismo estão constituídos por gênero e produzem relações de gênero e poder que resultam em saberes acerca disso. Investigar os modos como o jornalismo está perpassado por gênero é o primeiro caminho para entender como o jornalismo acaba contribuindo para o processo de (re)produção de valores e representações hegemônicas de gênero que, em última instância, refletem a existência de um padrão heteronormativo. (SILVA, 2014, p. 62).

Porém, nem todos os crimes de violência contra a mulher têm a repercussão midiática. Aqueles que acontecem envolvendo as camadas mais pobres da população normalmente são renegados a pequenas notas ou, às vezes, nem isso, pois em locais onde há grande influência do crime organizado é mais difícil haver registros policiais e médicos dos crimes (BLAY, 2008). Mesmo com essa diferença de visibilidade provocada por diferenças sócio-econômicas, o feminicídio é um tipo de crime de grande interesse jornalístico, pelo fato de tratar de uma morte.

Sabe-se que a ação de leis, como a Maria da Penha, não é inteiramente eficiente, uma vez que ela propõe que haja uma rede de proteção à mulher em situação de violência, o que faz com que profissionais de mais de uma área atuem no combate a violência e no acolhimento às mulheres. A rede de proteção a violência mobiliza profissionais de áreas como direito, educação, saúde, comunicação e outros. Esse fato faz com que a comunicação e contato entre eles seja necessária para sua atuação, mas devido a outras problemáticas isso não acontece de forma integrada. Nesse contexto, ainda há presença de profissionais sem preparo para lidar com o crime de violência contra mulher, tanto com a vítima quanto com o criminoso. O despreparo profissional impede que o proposto pela legislação seja realmente oferecido a vítima e criminoso. A atividade jornalística colabora para a manutenção desse quadro, uma vez que não propõe que haja um adensamento desse debate, não problematiza e nem explica as finalidades e objetivos das medidas propostas pela Lei Maria da Penha (Brasil, 2006). Tal fato transforma o fenômeno da violência em um episódio vivido por indivíduos em particular e circunscrito à esfera individual/ subjetiva e privada

Assim, reformular o modo como as violências são noticiadas pode configurar uma mudança de compreensão sobre as relações assimétricas de poder entre homens e mulheres. Em outras palavras, a forma com que a violência é noticiada pode atuar de forma esclarecedora, informativa e questionadora ou pode atuar para reforçar estereótipos, papéis sociais e legitimar ou banalizar práticas violentas contra as mulheres. Isso depende da forma como o jornalista

construirá a notícia, de quais elementos ele trará à narrativa e da exposição de causas e consequências do crime, para além da esfera individual da vida privada de criminoso e vítima.

Por isso é importante entender as implicações que surgem a partir da forma como a violência contra a mulher é noticiada e qual a repercussão que isso tem na sociedade. Pretende-se problematizar se esse é um tipo de crime banalizado (tratado como algo comum), naturalizado (tratado como algo espontâneo ou cultural) ou espetacularizado (tratado como um espetáculo ou show). Diretamente, o jornalismo não tem poder de estimular aumento da violência ou o contrário, mas a forma como se dá a produção da notícia pode valorizar padrões de comportamento que legitimem ações de violência contra a mulher.

Utilizando os conceitos de valores-notícia e noticiabilidade, buscamos problematizar como as notícias sobre a violência contra a mulher são noticiadas, tendo como ancoragem teórica os conceitos de gênero e de patriarcado e buscando uma reflexão acerca dessa problemática complexa. Como esse tema foi noticiado nos portais de notícias online, G1 e R7, no primeiro trimestre de 2019 é o que será analisado no capítulo a seguir.

3- R7 E G1 NA COBERTURA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

As discussões dos capítulos anteriores, sobre patriarcado, violência contra a mulher e jornalismo, foram responsáveis para que houvesse um maior entendimento de como a mídia faz a cobertura da violência contra a mulher. A partir dessas discussões cumpriremos com o objetivo da pesquisa, no presente. Dessa forma o capítulo três conterá as análises feitas a respeito de como os portais de notícia online, G1 e R7, realizaram a cobertura da violência contra a mulher no primeiro trimestre de 2019. Para tanto nos inspiramos no referencial teórico-metodológico da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2011). Assim, neste capítulo, pretendemos mostrar como, tendo como base essa metodologia, as análises foram feitas e quais resultados foram obtidos por meio delas.

A análise de conteúdo tem um caráter explorador relacionado a fenômenos reais, que irão permitir programar, comunicar e avaliar de forma crítica os resultados. Ela pode ser pensada como uma técnica que busca formular por meio de dados, conclusões replicáveis e válidas que podem ser aplicadas a um contexto. Essa metodologia é dividida em três partes: pré-análise e exploração do material, tratamento dos resultados e interpretações, e inferências. Na primeira parte é feita a escolha dos documentos a serem analisados, no caso em específico, as notícias que farão parte do corpus⁴ de estudo. A segunda parte de exploração do material, é onde são feitas algumas categorizações para apreensão de sentido e formulação de hipóteses. Na última parte os resultados das análises são tratados, interpretados e são elaboradas conclusões a respeito deles. (BARDIN, 2011)

Segundo Bardin (2011), uma análise temática baseia-se na descoberta de unidades de sentido que constituem a comunicação e a presença ou a frequência com que as unidades aparecem significam algo para análise. No caso o objeto de análise são as notícias, cujas unidade de sentido são os casos de violência contra a mulher, de tal forma a maneira como esse fato aparece nas notícias gera um significado, que será analisado a seguir.

Tomaremos como ponto de partida inferências gerais, que dizem do contexto do problema e estabelecem uma conclusão geral acerca disso. Bardin (2011), afirma que os tipos de inferências são: concepções ideológicas de uma sociedade, como patriarcado, capitalismo e racismo; clichês e arquétipos culturais; estereótipos sociais; e representações de tipos e papéis sociais, como homem, mulher, rico, negro, jovem.

⁴Corpus: conjunto de documentos que serão submetidos a análises. A constituição do corpus implica em alguns tipos de escolha, seleção e regras.

Na fase inicial havíamos optado por analisar os portais online G1, R7 e Pragmatismo Político e buscar neles as notícias de casos de violência contra a mulher do ano de 2019. Contudo no momento de busca e seleção de notícias foi observado que o volume de notícias do último portal (Pragmatismo Político) era pequeno, logo não teria o mesmo peso que os demais no momento das análises. A partir disso, a escolha foi por trabalhar somente com o G1 e R7.

A seleção dos portais G1 e R7 se deve a relevância desses portais no cenário de produção de notícias online. O primeiro, fundado em 2006, pertence às Organizações Globo e circula em todos os estados brasileiros e as notícias são disponibilizadas em três idiomas, inglês, espanhol e português. Já o segundo, fundado em 2009 pelo Grupo Record, está presente na região sudeste, Distrito Federal e Bahia, e desde 2014 possui mais de 50 milhões de visitantes únicos⁵ em seu site⁶.

Passada a fase de escolha dos portais foi selecionado o recorte temporal que utilizaríamos. Escolhemos trabalhar com as notícias que foram divulgadas no primeiro trimestre de 2019, período em que houve um aumento significativo dos casos de violência contra mulher em alguns estados, de acordo com dados divulgados no mês de março em decorrência do dia da mulher⁷. Os termos de busca usados para encontrar as notícias foram: violência contra a mulher, feminicídio, mulher, violência. Foram verificadas todas as notícias postadas pelos portais escolhidos no período de 01/01/2019 à 31/03/2019, para que tivéssemos garantia de que todas as notícias seriam selecionadas. Assim chegamos a um número de 50 notícias, 24 do G1 e 16 do R7.

O corpus selecionado no primeiro momento foi amplo, porque agrupou todas as notícias disponíveis nesses portais sobre violência contra a mulher, não escolhendo um tipo de violência específico, mas por meio de uma análise prévia o que predomina é a violência física e casos de feminicídio. A partir disso, é possível recortar e estruturar a representação simbólica desses acontecimentos nas notícias.

A parte de exploração do material aconteceu por meio de uma “leitura flutuante” que levou a formulação de uma tabela que tem as seguintes colunas: título, portal, autor, data, link,

⁵O termo: visitantes únicos corresponde ao número de pessoas que visitam um site, independente de quantas vezes a mesma pessoa o acessa, são contabilizados apenas o número de acessos.

⁶Os grupos de comunicação Globo e Record se mostram como concorrentes, disputando consumidores e mercados no cenário nacional. Além disso, o atual contexto político e as últimas declarações do presidente, Jair Bolsonaro, denotam que um desses grupos propaga o discurso oficial e verdadeiro do presidente e o outro se mostra em oposição ao governo, sendo esse outro o grupo Globo, que está presente quase hegemonicamente no território. Tal conjuntura não foi determinante na escolha dos portais, mas a partir dela apreendemos uma série de tramas que estão diretamente envolvidas ao fenômeno da violência contra a mulher.

⁷Disponível em: <http://www.iff.fiocruz.br/pdf/relatorio-pesquisa-2019-v6.pdf> acesso 29 out 2019.

local, agente do título, vozes da notícia, palavras usadas para caracterizar a vítima, palavras usadas para caracterizar o agressor, agressor como suspeito ou culpado, arma utilizada ou forma da morte, motivação do ato, tipo de violência, presença de fotos e observações.

Ainda na fase de exploração as notícias foram divididas em grupos, sendo o primeiro de contextualização e informação de dados sobre a violência contra a mulher, apresentando 19 reportagens; o segundo com reportagens sobre casos de feminicídio tem 14 notícias; o terceiro apresenta notícias com casos de violência contra a mulher de maneira geral e tem 9 notícias; um quarto grupo apresenta o restante das notícias. Dele fazem parte 4 notícias que trazem uma funcionária do Governo de São Paulo se retratando após uma declaração sobre feminicídio, uma mulher que recebeu uma indenização de seu agressor, e duas notícias que abordam a morte de dois homens que anteriormente haviam cometido algum tipo de violência contra suas respectivas companheiras. No caso das últimas notícias o que é noticiado é a morte desses homens, sendo um baleado pela polícia e o outro tendo pulado de uma janela. Nesses casos mesmo eles tendo violentado mulheres antes de sua morte, essa não a informação central da notícia, apenas algo secundário mencionado em uma linha apenas uma vez. Então compreendemos que essas reportagens não noticiam casos de violência contra a mulher, apesar de se referirem a homens que cometeram tais crimes.

Ao refletir sobre o objetivo da pesquisa, optamos por analisar as notícias que correspondiam a casos de violência contra a mulher de maneira ampla e casos de feminicídio. Tal escolha se deve ao fato de que acreditamos que para compreender como esses portais cobrem a violência é preciso se atentar exatamente aos casos noticiados. De tal forma organizamos as notícias selecionadas nas duas tabelas a seguir.⁸

Tabela 1: Grupo 1: Casos de violência de forma geral

Título	Portal	Autxr	Data	LINKS
Motorista por aplicativo é preso suspeito de estuprar passageira idosa em Jundiaí	G1 Sorocaba e Jundiaí	G1 Sorocaba e Jundiaí	22/01/2019	https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2019/01/22/motorista-por-aplicativo-e-preso-suspeito-de-estuprar-passageira-idosa-em-jundiai.ghtml

⁸As tabelas completas contendo todas as categorias de análise utilizadas serão disponibilizadas em anexos ao fim do trabalho.

Passageiro é detido ao se masturbar dentro de ônibus interestadual em Jundiaí	G1 Sorocaba e Jundiaí	G1 Sorocaba e Jundiaí	23/01/2019	https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2019/01/22/passageiro-de-onibus-e-detido-ao-se-masturbar-para-jovem-em-jundiai.ghtml
Jovem agredida pelo ex-marido terá que passar por mais 10 cirurgias	R7	Balanco Geral Manhã	29/03/2019	https://recordtv.r7.com/balanco-geral-manha/videos/jovem-agredida-pelo-ex-marido-tera-que-passar-por-mais-10-cirurgias-29032019
Policia militar é acusado de agredir adolescente na praia	R7	Balanco Geral	25/01/2019	https://recordtv.r7.com/balanco-geral/videos/policia-militar-e-acusado-de-agredir-adolescente-na-praia-25012019
Mulher é agredida por integrante da Vai-Vai em ensaio no sambódromo	R7	Márcio Neves, do R7, com Isabela Noletto, da Agência Record	20/01/2019	https://noticias.r7.com/sao-paulo/mulher-e-agredida-por-integrante-da-vai-vai-em-ensaio-no-sambodromo-20012019
Homem é preso por cárcere privado e sequestro da ex-mulher	R7	Isabela Noletto, da Agência Record	19/03/2019	https://noticias.r7.com/sao-paulo/homem-e-preso-por-carcere-privado-e-sequestro-da-ex-mulher-19032019
Jovem denuncia ex-namorado por agressão e cárcere privado	R7	Balanco Geral	18/01/2019	https://recordtv.r7.com/balanco-geral/videos/jovem-denuncia-ex-namorado-por-agressao-e-carcere-privado-18012019
Médico é preso em flagrante ao tentar matar mulher grávida	R7	Agência Estado	17/01/2019	https://noticias.r7.com/sao-paulo/medico-e-preso-em-flagrante-ao-tentar-matar-mulher

				gravida-17012019
Policial militar é afastado do trabalho após agredir a ex-mulher	R7	Fala Brasil	16/01/2019	https://recordtv.r7.com/fala-brasil/videos/policial-militar-e-afastado-do-trabalho-apos-agredir-a-ex-mulher-16012019

Tabela 2: Grupo 2: Casos de Femicídio

Título	Portal	Autxr	Data	LINKS
Jovem mata namorada e fere mãe da vítima a facadas, diz polícia	G1 Paraná	G1 Paraná	10/03/2019	https://g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/noticia/2019/03/10/jovem-mata-namorada-e-fere-mae-da-vitima-a-facadas-diz-policia.ghtml
Suspeito de matar a namorada fez declaração de amor dois dias antes do crime (as duas notícias tratam do mesmo caso)	G1 PR e RPC Ponta Grossa	G1 PR e RPC Ponta Grossa	11/03/2019	https://g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/noticia/2019/03/11/suspeito-de-matar-a-namorada-fez-declaracao-de-amor-dois-dias-antes-do-crime.ghtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=g1pr
Mulher é morta com mais de 20 facadas em Itupeva; ex é suspeito	G1 Sorocaba e Jundiá	Eduardo Ribeiro Jr.	06/01/2019	https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2019/01/06/mulher-e-morta-com-mais-de-20-facadas-em-itupeva-suspeito-e-o-ex.ghtml
Homem invade casa, mata a ex-mulher e fere a mãe e irmã dela em Virgem da	G1 Grande Minas	G1 Grande Minas	06/01/2019	https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2019/01/06/homem-invade-casa-mata-a-ex-mulher-e-

Lapa				fere-a-mae-e-irma-da-vitima-em-irgem-da-lapa.ghtml	
Mulher é assassinada pelo ex-companheiro com golpes de facão em Francisco Sá	G1 Minas	Grande Minas	G1 Grande Minas	06/01/2019	https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2019/01/06/mulher-e-assassinada-pelo-ex-companheiro-com-golpes-de-facao-em-francisco-sa.ghtml
SP: agente mata namorada, viaja com o corpo e comete suicídio	R7		Agência Estado	25/02/2019	https://noticias.r7.com/sao-paulo/sp-agente-mata-namorada-viaja-com-o-corpo-e-comete-suicidio-25022019
Mulher é morta a facadas pelo ex-marido, em Vargem Grande Paulista	R7		Rafael Custódio, da Agência Record	13/02/2019	https://noticias.r7.com/sao-paulo/mulher-e-morta-a-facadas-pelo-ex-marido-em-vargem-grande-paulista-13022019
Mãe e filha são encontradas mortas em São Carlos; marido está preso	R7		Agência Estado	12/02/2019	https://noticias.r7.com/sao-paulo/mae-e-filha-sao-encontradas-mortas-em-sao-carlos-marido-esta-preso-13022019
Médica cubana é morta pelo marido com chave de fenda em Mauá (SP)	R7		Agência Estado	06/02/2019	https://noticias.r7.com/sao-paulo/medica-cubana-e-morta-pelo-marido-com-chave-de-fenda-em-maua-sp-06022019
Mulher revela antes de morrer em hospital que foi agredida pelo noivo	R7		Balanco Geral	04/02/2019	https://recordtv.r7.com/balanco-geral/videos/mulher-revela-antes-de-morrer-em-hospital-que-foi-agredida-pelo-noivo-04022019
Jovem grávida é morta pelo	R7		Agência Estado	23/01/2019	https://noticias.r7.com/sao-paulo/jovem-

namorado no interior de SP				gravida-e-morta-pelo-namorado-no-interior-de-sp-24012019
Mulher é encontrada morta no Capão Redondo, na zona sul de SP	R7	Ingrid Navarro, da Agência Record	23/01/2019	https://noticias.r7.com/s/ao-paulo/mulher-e-encontrada-morta-no-capao-redondo-na-zona-sul-de-sp-23012019
Polícia pede prisão de suspeito de matar sobrinha de 15 anos em SP	R7	Agência Estado	22/01/2019	https://noticias.r7.com/s/ao-paulo/policia-pede-prisao-de-suspeito-de-matar-sobrinha-de-15-anos-em-sp-23012019
Policial mata a ex, atira no tio da vítima e tira a própria vida	R7	Pablo Nascimento, do R7	04/01/2019	https://noticias.r7.com/minas-gerais/policial-mata-a-ex-atira-no-tio-da-vitima-e-tira-a-propria-vida-04012019

3.1- Títulos e Subtítulos:

O ponto de partida para as análises foram os títulos e subtítulos, uma vez que os títulos sintetizam a ideia contida em uma reportagem, por isso a partir deles podemos extrair o nuclear da notícia. Um título “simultaneamente, reduz, simplifica informações, interpreta o texto, dirige o entendimento do público sobre a notícia, mostrando, na prática, como o veículo posiciona-se sobre o assunto; é opinião disfarçada da emissão neutra” (MOUILLAUD, 1997, apud SILVA; FRANÇA, 2017, p.14)

Em ambos os grupos de notícias, a respeito do título foi analisado quem era o agente da ação, de forma a descobrir quem tinha o destaque e era responsabilizado pelo fato noticiado. A partir disso, concluimos que em um total de 23 notícias analisadas, 9 do grupo 1 (Casos de violência gerais) e 14 do grupo 2 (Casos de feminicídio), apenas em 13 títulos o homem era o agente da ação e conseqüentemente denominado como responsável pelo crime, como neste título:

(1) “Homem invade casa, mata a ex-mulher e fere a mãe e irmã dela em Virgem da Lapa”. (G1 Grande Minas, 06 jan. 2019)

Em contrapartida em 10 títulos a mulher é colocada como agente da frase, como no exemplo:

(2) “Mãe e filha são encontradas mortas em São Carlos; marido está preso”. (R7, 12 fev. 2019)

Quando a vítima de um crime é colocada em evidência, como quando a frase está na voz passiva, no título por exemplo, a construção da notícia tira a responsabilidade do indivíduo que realmente cometeu a ação, no caso um homem. Isso colabora para atenuar a responsabilidade do homem. Em alguns casos esse tipo de construção também demonstra ter um potencial de tratar a vítima como responsável e causadora da ação, devido a seu comportamento em relação ao criminoso ou devido às decisões tomadas, como é o caso da notícia em que

(3) ”Motorista por aplicativo é preso suspeito de estuprar passageira idosa em Jundiaí”. (G1 Sorocaba e Jundiaí, 22 jan. 2019)

Nesse caso uma mulher sozinha em um carro com um motorista de aplicativo pode ser interpretada como uma má decisão, como a presença de uma mulher em um lugar inadequado à ela. Tal percepção mostra traços do patriarcado exercendo controle sobre as mulheres e as responsabilizando até mesmo de ações cometidas contra elas, aqui há mais uma amostra da chamada cultura da culpa, mencionada no capítulo 1.

3.2- Espaço/ Tempo:

Outro fator que aparece enquanto categoria de análise de ambos os grupos é o espaço/ tempo em que o crime acontece. No primeiro grupo de notícias é perceptível que a violência acontece em espaços públicos e privados, sendo que 5 delas relatam situações de violência sofridas nos lugares: uber, ônibus, sambódromo de escola de samba, praia e trabalho. Apenas em 3 notícias a violência foi sofrida no espaço doméstico e em uma das notícias isso não está especificado. Em contrapartida, no segundo grupo que possui 14 notícias sobre feminicídio, 13 dos crimes foram cometidos dentro do espaço doméstico, sendo o espaço da casa dividido pelo casal em 4 notícias, sendo a casa da vítima o local da morte em 7 notícias, e o crime havendo acontecido na casa de um familiar, na casa da avó, em particular, como é o caso de duas notícias. Em apenas 1 notícia não há informação precisa sobre onde o crime aconteceu. Isso permite associar diretamente a violência contra a mulher à violência doméstica, e retomando as discussões do primeiro capítulo, é possível compreender a ação do patriarcado que, institui o espaço doméstico/ privado como espaço destinado às mulheres e onde os homens são que detém o poder. Enquanto dispositivo amoroso e da violência o patriarcado também institui que a violência acontece dentro de uma relação amorosa e como uma forma de controle sobre as ações da mulher, trazendo como mecanismo de ação o ciclo da violência.

Seguindo com a análise da categoria espaço/ tempo, é notável que a maioria das notícias trata de casos que aconteceram em periferias, cidades do interior ou em regiões metropolitanas de grandes centros, com exceção de um caso que aconteceu nos Estados Unidos envolvendo um casal de brasileiros, e dos casos que aconteceram na praia e em um sambódromo de escola de samba. Apesar da maioria dos casos sinalizar sua maior recorrência em localidades e conjunturas marcadas por uma maior vulnerabilidade econômica e social, devemos lembrar que a violência contra mulheres acontece em todos os espaços. A localidade da violência em alguns casos ainda é mostrada por meio de fotos da rua em que o crime aconteceu. Como no caso da foto a seguir que indica uma rodovia por onde passava um ônibus, durante o trajeto do veículo um passageiro se masturbou na presença (no banco ao lado) de outra passageira, e isso foi classificado como o crime de importunação sexual. Mostrar a localidade em que um crime aconteceu diz de como se dá o acesso a esse lugar, de quem pode ter presenciado o crime e até mesmo das possibilidades da vítima de ‘fugir’ de seu agressor, no caso citado que aconteceu em um ônibus é possível avaliar esse tipo de dificuldade.



Caso aconteceu na rodovia Anhanguera, em Jundiaí — Foto: TV TEM/Arquivo

Figura 1: foto veiculada em uma reportagem que mostra o local em que a violência aconteceu. Fonte: G1.

A respeito do período do dia em que a violência aconteceu foi observado nas notícias do grupo 2 que a maioria das mulheres morreu a noite ou de madrugada (isso aparece em 8 notícias). Entretanto, no outro grupo de notícias, essas informações não aparecem de maneira uniforme, pois em alguns casos as notícias relatam violências físicas e psicológicas sofridas por mulheres enquanto elas estavam em um relacionamento, o que indica que as agressões aconteceram por um longo período de tempo, isso mostra mais uma das ações do dispositivo amoroso e da violência. Em casos de violência pontuais e que trazem de forma explícita o período em que o crime aconteceu, há 4 notícias; 2 casos se passaram durante o dia e 2 durante a madrugada. Dentre essas 4 notícias, 2 se referem à violências sexuais. Em se tratando de violência sexual podemos retomar a reflexão do capítulo 1, a respeito do dispositivo sexual e do dispositivo da violência. Primeiro pensa-se no sexual devido as características do fato e depois acionamos o dispositivo da violência uma vez que não foi algo consensual, esse tipo de caso mostra que por meio da ação desses dispositivos homens acreditam ter poder e possuir corpos femininos, de forma que independente da vontade das mulheres elas devam lhes servir. A respeito do horário em que eles crimes aconteceram cabe a seguinte reflexão: o que faziam essas mulheres desacompanhadas em espaços onde haviam desconhecidos e a noite, isso permite questionar a aparência de mulheres no espaço público e a forma como essa aparência sujeita às mulheres a tais tipos de violência. Além disso, o período de ocorrência do fato também diz sobre a facilidade ou dificuldade da vítima em pedir ajuda, ou de terceiros verem/ ouvirem e denunciarem à polícia tal fato.

Durante a buscas pelas notícias foi utilizado o eixo Brasil na tentativa de se obter um maior número de notícias e notícias de lugares mais variados, contudo essa busca revelou a presença quase predominante de notícias das regiões sudeste-sul. Essa observação permite alguns tipos de reflexões como: a distribuição de equipes jornalísticas fora de grandes centros é pequena, de forma que notícias locais chegam (quando chegam) a grandes portais por meio de sucursais e pontos de apoio em cidades maiores, mas isso muitas vezes não acontece. Outra reflexão cabível aqui é, dentro desse contexto, o que justifica o envio de uma equipe para cobrir esse tipo de acontecimento, sendo que independente de onde o fato tenha ocorrido, a violência contra a mulher é um assunto que se enquadra nos critérios de noticiabilidade pregados por esses portais. Uma possível resposta a essa problemática diz da regionalidade não só nos aspectos centro e periferia mas sob uma perspectiva de Brasil como um todo. Historicamente

as regiões sudeste e sul são melhor atendidas em termos de recursos, desenvolvimento e, conseqüentemente, cobertura midiática, a presença de mais notícias de acontecimentos dessas regiões reforçam que esses locais representam o centro e os demais as periferias do país.

Em relação a perspectiva de centro e periferia, em âmbito municipal, percebemos particularidades entre a violência difundida em grandes centros e em regiões mais periféricas ou cidades menores, não no tipo de violência em si, mas na forma como ela é noticiada e em sua repercussão na comunidade em que o crime aconteceu. Mais elementos de descrição e de mobilização aparecem quando a cobertura é feita por uma equipe regional, devido a proximidade geográfica da mesma. Além disso, a presença de vizinhos como pessoas que denunciam ou que testemunham a respeito do fato é mais comum quando a notícia traz um fato que não aconteceu em um grande centro. Em casos que aconteceram em São Paulo também há presença de elementos que melhor localizam a violência dentro da cidade, como o bairro ou região em que o crime ocorreu.

(4) “Mulher é encontrada morta no Capão Redondo, na zona sul de SP (R7, 23 jan. 2019)

3.3- Testemunhas da Violência:

Ao refletir sobre as denúncias ou sobre quem presencia a violência sofrida, foi percebido que, normalmente, vizinhos escutam gritos ou veem alguma movimentação suspeita e denunciam. Além disso temos alguns casos em que familiares das vítimas também foram violentados por estarem em um mesmo espaço que ela. Exemplos de notícias do grupo 2.

(5) “A mãe e uma irmã dela também foram feridas a tiros e facadas durante o ataque.” (G1 Grande Minas, 06 jan. 2019)

(6) “Depois de cometer o crime, o homem que era soldado da PM (Polícia Militar) ainda atirou no tio da vítima e tirou a própria vida em seguida.” (R7, 04 jan. 2019)

3.4- Caracterização de mulher e homem:

Uma categoria usada para analisar as notícias foi a forma como criminoso e vítima eram caracterizados. Foi observado que na maioria dos casos os homens eram caracterizados a partir de suas profissões, ou seja, papéis desempenhados no espaço público, como: marceneiro (1 caso), mecânico (1 caso), motorista (1 caso), empresário (1 caso), integrante de escola de samba (1 caso), médico (1 caso), vigia (1 caso), agente penitenciário (1 caso), policial (3 casos). Sendo que esses últimos atributos funcionais dizem de profissões que em teoria deveriam

proteger a vida de outras pessoas ou garantir segurança (médico, vigia, agente penitenciário e policial). Isso pode provocar uma quebra de expectativa em relação ao papel desempenhado por quem tem essas profissões, e pode colaborar para que a vítima seja desacreditada e questionada em relação ao crime, sendo ele talvez entendido como algo justificável, devido ao lugar de autoridade que homens com essas profissões possuem na sociedade. Em outros casos os homens são caracterizados como: desconhecido (1 caso), adolescente/ jovem/ rapaz (4 casos), ex (6 casos).

Enquanto que as mulheres eram caracterizadas a partir da relação que possuíam com o homem que as violentou ou a partir de características físicas que remetesse à sua idade, sendo tal relação do domínio privado da vida social. Em alguns raros casos e de forma secundárias a profissão das mulheres mencionadas na notícia apareceu, como o caso de uma estudante, uma estudante de psicologia, uma médica e uma médica veterinária.

Outro fator que chama atenção ao analisar a caracterização as vítimas e criminosos diz respeito a presença de seus nomes e fotos nas notícias. Quando se fala de mulheres, vítimas de feminicídio ou outro tipo de violência, percebemos que estas têm sua identidade muito mais exposta pelas notícias sendo que, em ambos os grupos de notícias analisadas imagens das mulheres aparecem em 8 notícias de um total de 23 notícias. Em contrapartida os homens aparecem em apenas 5 notícias dentre as 23. Isso mostra uma superexposição das vítimas em relação aos homens que tem na maioria dos casos suas identidades protegidas. Percebemos que a não exposição da identidade de um suspeito de um crime pode ser sim algo importante para o processo de julgamento e para que essa pessoa não seja linchada, mas tal cuidado também pode ser visto no que se refere a respeito a vítimas de violência contra mulher, à suas famílias e sua memória. Um exemplo de desrespeito em relação a isso é esta foto de uma adolescente que foi assassinada pelo tio colocada abaixo do título da reportagem que noticiou o fato.



Figura 2: imagem de destaque da notícia em que o tio matou a sobrinha, uma adolescente de 15 anos.

Fonte: R7.

Em relação a dar espaço para que mais vítimas se manifestem em relação a violência sofrida é notado que o portal R7 traz em duas de suas notícias entrevistas com duas mulheres vítimas de violência provocadas por seus ex- parceiros, nessas entrevistas aparece uma certa militância dessas mulheres em relação a situações de violência contra a mulher e na extensão dessa problemática para além dos casos vividos por elas e isso endossado pelos repórteres. Como na reportagem em que a vítima diz:

(7) “Ainda me dá esperança que as pessoas realmente estão enxergando, estão acordando que isso não é normal. Que isso infelizmente passa de geração em geração, que isso é um ciclo que nós temos que fechar, porque ninguém merece sofrer, tanto homem como mulher, nem um nem outro. Relacionamento abusivo tanto para um como para outro tem que acabar” e a reportagem termina com o repórter concordando com essa fala. (R7, 18 jan. 2019)

A presença dessas entrevistas mostra uma maior pluralidade de vozes na notícia em relação às demais, e isso é muito significativo. O uso das entrevistas como recurso só não é melhor utilizado pois a narrativa da notícia conduz a um teor de espetacularização da violência,

de forma a usar esse recurso para tentar comover e não para questionar o fenômeno da violência contra a mulher.

Ao se referir à divulgação do nome das pessoas envolvidas nas notícias, os nomes completos das vítimas aparecem em 14 notícias e o nome dos criminosos, sendo eles ditos suspeitos ou culpados aparecem 10 vezes. Isso permite perceber que mesmo depois de morta ou mesmo menor de idade a identidade das mulheres é exposta e a dos homens escondida, de forma a protegê-los dos crimes cometidos. A preservação da identidade de alguém suspeito de um crime pode evitar alguns processos como os de linchamento, e isso é justificável, mas quando essa identidade é escondida e a da vítima revelada isso diz de uma não responsabilização de culpados. Se não há nome ou foto ou algo que diferencie o homem que cometeu um crime de um homem comum, quem assume a responsabilidade/ culpa/ sentença desse crime?

3.5- Vozes da notícia:

Mais uma categoria de análise é a de vozes da notícia, a partir dela é possível verificar os lados mobilizados e em como se dá a prática jornalística. Um maior número de vozes presentes na notícia indica uma informação mais completa e mais provável de gerar questionamentos sociais e reflexões. Em todas as notícias analisadas observamos a presença da polícia enquanto fonte oficial, disso pudemos apreender que em situações de violência contra a mulher a instância máxima e especialista para informar sobre o tema é a polícia, logo a de maior responsabilidade. Uma das notícias traz até o nome do delegado que acompanha o crime, por exemplo

(6) “De acordo com o delegado Adriano Callsen Alexandrino..”. (R7, 23 jan. 2019)

Além disso, foi observado também que familiares tanto da vítima como do criminoso, vizinhos e outras testemunhas são vozes recorrentes na narrativa. De tal presença podemos discutir se essas testemunhas atuam como espectadores da violência, reproduzindo aquele ditado que diz que ‘em briga de marido e mulher não se mete a colher’, ou se elas atuam como delatores da violência, interrompendo essa ação e em alguns casos até salvando a vida de uma mulher. Nas notícias do grupo 1 ainda há presença da voz da vítima, em alguns casos (3 casos) até mesmo na forma de entrevistas. Outro ponto interessante é que em duas notícias não há presença explícita de nenhuma voz na notícia, de forma que a narrativa parece mais um conjunto de opiniões de jornalistas sobre um crime, do que uma notícia em si.

Nos casos em que homens, policiais eram agressores a voz da polícia enquanto fonte oficial se mostra da seguinte maneira: no grupo 1, 2 notícias trazem casos de violência física

cometidos por policiais. No primeiro caso um sargento da Polícia Militar (PM) bate em sua ex-mulher no local de trabalho dela, a resposta da polícia ao caso foi que o policial foi afastado do trabalho, sua arma foi recolhida e haverá uma investigação do caso. No segundo caso, um policial bate com um cassetete em uma mulher na praia, e a polícia garante que medidas administrativas foram adotadas contra esse policial. No grupo 2, um policial mata sua ex-mulher, atira no tio dela e depois se suicida, neste caso a assessoria da PM:

(7) “a assessoria da PM lamentou o fato e informou que o soldado estava dedicado a serviços internos, uma vez que ele passava por tratamento psiquiátrico.” (R7, 04 jan.2019)

Nos casos citados anteriormente a polícia enquanto instância oficial se mostra também como instância disciplinadora de seus policiais, os punindo (afastando de seu trabalho) devido a suas ações, como nos casos das notícias do grupo 1. E no caso da notícia do grupo 2, a polícia dá um parecer a situação em que o policial se encontrava e tenta se ausentar da culpa ao dizer que o policial em questão estava desempenhando serviços internos devido a problemas psiquiátricos, mas como a esse homem foi permitida a posse de uma arma, devido a essas circunstâncias. Tal fato mostra uma ineficiência na ação desse sistema.

Como essas notícias informam a respeito de crimes cometidos contra mulheres é importante refletir se durante a narrativa quem cometeu esses crimes é taxado como criminoso, preso ou como suspeito. Nas notícias percebemos as denominações culpado, criminoso, suspeito, foragido, que aparecem da seguinte forma 5 delas tratam o homem como suspeito; outras 5 como suspeito e foragido, em 5 delas ele está preso, em 2 ele é suspeito e preso em flagrante, em 2 o homem foi afastado de suas atividades, em 2 o homem suicidou-se e em uma ele paga fiança e é liberado. Esses foram termos usados durante a narrativa da notícia, alguns exemplos são:

(8) “Um motorista de aplicativo por celular foi detido nesta terça-feira (22) suspeito de estupro contra uma passageira, em Jundiaí (SP).”; “O suspeito se enfureceu quando estavam juntos no quarto e partiu para cima dela, aplicando socos em sua cabeça.”.(G1 Sorocaba e Jundiaí, 06 jan. 2019)

(9) “O suspeito de matar a namorada em Ponta Grossa, nos Campos Gerais do Paraná, na madrugada deste domingo (10)”. (G1 Paraná 10 mar, 2019)

(10) “A Polícia Civil pediu nesta terça-feira (22) a prisão temporária de um homem acusado de matar a sobrinha de 15 anos porque não concordava com o namoro dela com um rapaz mais velho...O suspeito,

tio da garota, foi visto deixando o local com a espingarda na mão.”(R7, 22 jan. 2019)

A Constituição Federal em art. 5o, LVII, CFE, admite o estado de inocência, em que todos são inocentes até prova em contrário, isso é um princípio legal, logo deve ser respeitado pelo jornalismo. Mas como é de conhecimento geral, o sistema judiciário do Brasil é um tanto quanto ineficiente, então até que alguém seja condenado em julgamento culpado ou inocente de cometer um crime demora um tempo que pode corresponder a anos até. Essa demora no veredito de alguns crimes, principalmente no caso de crimes de violência contra a mulher pode provocar alguns equívocos como: admite-se que haja um perdão para o crime cometido, algo que o patriarcado prevê como típico da conduta feminina, e ainda admite a possibilidade de um mal entendido ou aceitação de uma violência como ação educativa do comportamento feminino. Esse é um problema que atravessa não só a prática jurídica e jornalística mas toda a sociedade, porque uma vez que os dispositivos do patriarcado tem ação dominante em nossas vidas todos os sistemas aos quais estamos sujeitos sofrem com a ação deste. Assim podemos compreender que a situação na qual o sistema judiciário brasileiro atua é uma consequência do patriarcado e corrobora para a manutenção do mesmo. Por isso não cabe a atividade jornalística ir contra essa questão por isso significa ir contra a lei.

3.5- Motivação do ato:

Em ambos os grupos de notícias há tentativa de responder à questão que para alguns é central, o que motivou um homem a praticar um ato de violência contra uma mulher. A partir disso encontramos as seguintes respostas: no grupo que se refere ao feminicídio, quase todas as notícias trazem a motivação do ato, sendo ele, na maioria dos casos, causado por brigas, ciúme, desconfiança e não aceitar o fim do relacionamento (12 casos). Isso permite entender como os dispositivos do patriarcado atuam, quando o dispositivo amoroso não é suficiente para que haja supremacia masculina em um relacionamento os homens se valem do dispositivo da violência para manifestar sua insatisfação, manifesto feito em muitos casos na forma de feminicídio. O outro grupo se refere a crimes de violência gerais e neles a motivação para o ato não é destacada no texto da notícia. Entretanto por alguns deles se tratarem de violência doméstica é possível compreender que eles têm as mesmas motivações do grupo anterior contudo sua ação não chega a resultar na morte de uma mulher. Em todos os casos de violência contra a mulher é plausível concluir que os atos violentos têm como objetivo demonstrar e manter o poder vigente, e esse poder se refere ao poder dos homens sobre as mulheres, seus corpos, suas ações e até seus desejos. Em duas notícias são relatados casos em que há violência sexual, neste momento

percebemos a ação do dispositivo da violência, este admite que as mulheres não têm autonomia sobre seus corpos e que por isso os homens podem usá-los a seu bel prazer.

3.6- Tipo de Violência/ Causa da morte

Em relação ao dispositivo da violência podemos pensar nos diferentes tipos de violência sofridos pelas mulheres, por isso uma das categorias de análise usada no grupo 1 de notícias foi o tipo de violência praticado. Em 2 notícias há violência sexual, em 7 violência física e em 3 notícias entre as 9 presentes no grupo, as vítimas ainda foram ameaçadas por seus agressores.

Para grupo 2, o que foi analisado foi a causa da morte, também pensando na perspectiva de ação do dispositivo da violência. Assim observamos que em 4 mulheres morreram em decorrência de tiros, 1 de golpes de facão, 1 de golpes de chave de fenda, 1 por enforcamento e facadas e 5 por facadas. Uma notícia informa que a forma da morte não foi confirmada pois quando encontrados os corpos já estavam em estado de decomposição, mas que a suspeita é que sejam esfaqueamento a causa da morte. Outra notícia não traz qual foi a causa da morte. O tipo de arma usada no crime chama atenção pois em 8 feminicídios houve o uso de armas brancas (facas, chave de fenda, facão), isso não é recorrente apenas nas notícias, segundo o último relatório de pesquisa da FioCruz sobre violência contra a mulher, citado anteriormente, aponta que 58% dos casos de feminicídio envolvem o uso de armas brancas como facas, sendo esse tipo de arma o meio de agressão recorrente nos casos de agressão reportados. Essas armas são relativamente de fácil acesso e possivelmente encontradas em toda residência. Logo, sendo o feminicídio um tipo de crime notório do ambiente doméstico, notamos a relação entre o uso da arma para a morte ou ameaça e a facilidade de acesso a ela. Além disso, o número de facadas dados nas vítimas de feminicídio indicam um ato de extrema violência em relação a mulher, a ação máxima do dispositivo da violência.

(11) "Uma mulher foi morta com mais de 20 facadas" (G1 Sorocaba e Jundiaí, 06 jan. 2019).

Dentre o corpus de 23 notícias, duas delas trazem casos de feminicídios seguidos do suicídio do homem. O suicídio é um fenômeno extremamente complexo, mas que dentro de uma perspectiva pode ser entendido como uma forma de se livrar da culpa. Antes de ser denominado como crime de feminicídio, este tipo de ação entrava em uma categoria de crimes chamada de crime passional, que são aqueles motivados por emoções como amor, ciúme, rejeição e outras. Ainda hoje é possível ver em crimes de feminicídio esse tipo de motivação, contudo a partir da discussão feita no capítulo 1 é notável que no caso do feminicídio, em especial nos casos analisados, esses atos dizem sobre o dispositivo amoroso agindo na forma

de violência, ou seja, ação do dispositivo da violência. Assim, ao matar a companheira ou ex companheira por ciúme ou por não aceitar o fim do relacionamento esses homens são movidos pelo dispositivo amoroso e da violência. Uma interpretação para o fato de que eles se suicidam em seguida é que ao perceber a gravidade da situação e temendo todas as implicações que um assassinato pode ter esses homens se matam em uma tentativa de se livrar da responsabilidade, da punição e da culpa, por matar alguém que anteriormente representava a mulher amada.

3.7- Presença de recursos multimídia:

A presença de recursos multimídia como fotos, vídeos e hiperlinks também foi analisada, tendo em vista que esses elementos são os responsáveis por diferenciar as notícias tradicionais de portais online. As fotos presentes nas notícias analisadas são responsáveis pela descrição principalmente do ambiente em que o crime aconteceu, por isso algumas notícias trazem imagens da rua, ou rodovia (em 4 reportagens), e outras do local do crime (da casa em particular). 3 notícias possuem fotos das vítimas e apenas 1 dos criminosos, mais uma vez as mulheres estão mais expostas que os homens.



Mulher foi morta com mais de 20 facadas em Itupeva — Foto: Arquivo Pessoal

Foto 3: imagem do local em que o crime aconteceu, em uma notícia sobre feminicídio. Fonte: G1.

Em relação a presença de vídeos nas notícias do corpus, 7 notícias são narradas na forma de uma reportagem audiovisual, algo como uma transposição do conteúdo televisivo para internet, fato comum às notícias do portal R7. Essas notícias na forma de vídeos dão a notícia de forma mais descritiva, com fotos do casal, do homem e da mulher, prints de mensagens nas redes sociais, depoimentos de familiares e até mesmo das vítimas na forma de entrevista ou de

testemunho confidencial. Em uma reportagem em particular há até uma certa trilha sonora que acompanha a narrativa, de forma um tanto dramática e apelativa. Em outras 3 notícias aparecem vídeos gravados por celular com função de descrever melhor o conteúdo da notícia, de apresentar elementos descritivos de forma informal, portanto mais real e assim mais apelativa para quem está lendo a notícia. Percebemos que os hiperlinks não são um recurso multimídia muito explorado nessas notícias, sendo que em 2 notícias observamos a presença de hiperlinks descontextualizados e em apenas outras 2 haviam hiperlinks que se relacionavam ao tema e que traziam outras notícias sobre casos de violência contra a mulher.



Foto 4: frame do vídeo da notícia em que a vítima é entrevistada. Fonte: R7.

A cobertura da violência contra a mulher feita pelos portais leva a conclusão geral de que quem é responsável pelo fazer jornalístico parece não se atentar a uma série de questões que corroboram para a não problematização desse tipo de crime. A prática jornalística feita não colabora para que haja indagação, reflexão e problematização do fenômeno da violência por parte dos leitores. Essa culpa não deve ser depositada inteiramente nas mãos dos jornalistas uma vez que estes são subordinados a editores e donos dos veículos mencionados e ao sistema judiciário do país o que faz com que não haja plena autonomia para a divulgação das informações e com que estejam sujeitos a penalizações por condutas não constitucionais. Enquanto profissionais do jornalismo é importante refletir se a forma como a construção da notícia de forma geral colabora para a manutenção das estruturas de poder vigentes e para a banalização de fenômenos como o da violência contra a mulher.

Em relação a assinatura das notícias há presença de duas repórteres mulheres, a trabalho do R7, e em uma notícia há assinatura de uma dessas repórteres e de um repórter homem. Somente uma notícia do G1 foi assinada por um repórter, as outras 6 notícias são assinadas por unidades regionais do portal. A assinatura das matérias do R7 se divide em repórteres e em: Balanço Geral (4 notícias), Agência Estado (6 notícias) e Fala Brasil (1 notícia). Sendo percebida que a narrativa assinada pelo Balanço Geral vem sempre com um vídeo onde está o fato é realmente narrado. A presença de assinatura pessoal nas reportagens não é algo comum, o que pode simbolizar um certo distanciamento dos portais analisados em relação a cobertura da violência contra a mulher, além de certa forma transmitir de maneira quase uníssona uma narrativa não feita sobre o ponto de vista de um repórter mas sob toda visão do portal sobre aquele fato.

Há no imaginário popular uma crença de que o Grupo Globo e, conseqüentemente, o G1 se encontra em todo o Brasil, esse imaginário não é corroborado em nossas análises uma vez que a presença de notícias do portal R7 é maior. Além disso, pudemos perceber após as análises as diferenças existentes na forma como esses portais cobrem a violência contra a mulher. O G1 cobre a violência de maneira mais distante, sem utilizar muitos recursos multimídia e de forma que a voz predominante da notícia é sempre a oficial, a da polícia, assim a notícia não apresenta mais de um ponto de vista a respeito do fato e por isso não corresponde para a problematização do mesmo, tratando os casos de violência noticiados como se eles fossem isolados, e não um fenômeno da sociedade provocado pela ação de vários sistemas e dispositivos.

Enquanto isso o R7 se mostra mais presente nesse tipo de cobertura e tenta fazê-lo utilizando outros tipos de linguagem, recursos multimídia são explorados e as notícias apresentam certa polifonia, mas elas seguem sendo retratadas como fatos isolados. Além disso, é perceptível que o portal utiliza uma linguagem que não causa problematização ou questionamento, mas que apela para comoção e desperta sentimentos em que tem acesso a essas notícias, de forma a espetacularizar a violência contra a mulher

Ambos portais mostram uma cobertura da violência contra a mulher problemática, uma vez que não trazem notícias de todo o território, as notícias não são polifônicas e elas não trazem em sua narrativa que a violência contra a mulher é um fenômeno que está além da vida privada de um casal, ou algum outro tipo de relação entre homem e mulher.

CONCLUSÃO

A violência contra a mulher é um fenômeno muito complexo que atinge a maioria da população mundial. Ela se relaciona diretamente com a ação do dispositivo patriarcal, na forma de dispositivo amoroso, sexual e da violência, e é atravessada e atravessa outros dispositivos sociais e outros sistemas aos quais os indivíduos estão expostos. Enquanto caracterizada como um crime a violência contra a mulher se relaciona diretamente ao sistema judiciário e prisional brasileiros. Ela também está diretamente ligada à prática jornalística uma vez que se mostra como algo que merece ser noticiado de acordo com os critérios de noticiabilidade. O contexto em que tudo isso se passa é complexo e envolvido por uma série de questões e instituições, por isso a narrativa da violência contra a mulher em uma notícia não é algo simples.

A forma como a violência contra a mulher é noticiada atualmente é preocupante. Ela reflete a força do patriarcado enquanto dispositivo que revela relações de poder; reflete o funcionamento constitucional brasileiro, onde há um descompasso na atuação do judiciário, legislativo e executivo; e revela relações de produção e consumo do jornalismo em uma sociedade cujo sistema financeiro é o capitalista. Esses fatos não devem ser ignorados ou fazer com que não haja mais cobertura da violência contra a mulher. Porque o que vemos nessas notícias não mostra o contexto político por trás da violência e políticas públicas que tentam coibir esse crime. Não há a informação para que as pessoas saibam que existe uma rede de enfrentamento a violência, para que essa rede não seja fortalecida e o patriarcado continue imperando e matando mulheres.

De fato, a violência contra a mulher é um fato e por isso merece ser pautada, mas de forma que evidencie o quão esse fenômeno é complexo e em narrativas completas, com elementos que provoquem reflexão, que revelem do contexto local, regional, estadual e nacional da violência, com polifonia e de forma a permitir que as pessoas se informem, mas também compreendam e questionem a existência desse fenômeno. Uma vez que os números da violência contra a mulher⁹ chocam e somente quando toda a sociedade tiver conhecimento disso será possível lutar por políticas públicas e por mudanças estruturais.

Outra questão interessante de ressaltar é o fato que em todas as notícias há presença apenas de mulheres cis, disso podemos compreender que a mídia não reconhece mulheres trans enquanto mulheres que também sofrem violência. Que na realidade sofrem mais violência

⁹ De acordo com o Ministério da Saúde, houveram 145 mil casos de violência contra mulher, em seus mais variados formatos, em 2018. Segundo o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), entre 2014 e 2018 foram feitas 1,4 milhão de notificações de algum tipo de violência contra a mulher.

ainda, uma vez que o Brasil é o país que mais mata população trans no mundo. Dessa forma ao não aparecerem notícias sobre esse grupo por meio dos buscadores utilizados percebemos que as mulheres trans além de violentadas são invisibilizadas e não tem sua identidade reconhecida nos portais de notícia em questão

Já existem algumas iniciativas que buscam mudar a forma como a cobertura da violência contra a mulher é feita. Um exemplo é mostrado pelo Minimanual de Jornalismo Humanizado feito pelo Coletivo Think Olga¹⁰, onde existem sugestões de como cobrir a violência contra a mulher de forma mais humana e honesta possível para sim informar e possibilitar que as pessoas tenham senso crítico em relação ao tema. Esse documento diz que utilizar o espaço da notícia para informar sobre onde fazer denúncias e/ou sobre a legislação ajudam na disseminação de informações que podem ajudar a quem tem acesso à notícia. Além disso, quando as notícias trazem dados e informações mais gerais acerca do tema, utilizando informações do Mapa da Violência, do Dossiê da Violência Contra a Mulher, por exemplo, há um entendimento maior de que a violência contra a mulher não é algo pontual e sim um fenômeno que atinge a sociedade como um todo.

O Minimanual de Jornalismo Humanizado focado na cobertura da violência contra a mulher é uma das primeiras produções a problematizar a forma como esse fenômeno é noticiado. Após a reflexão feita no presente trabalho ele se mostra uma alternativa para que a cobertura da violência contra mulher esteja de acordo com os princípios do jornalísticos, promover a difusão de informações, a indagação, questionamento e problematização de acontecimentos. As mídias analisadas ainda precisam se aprimorar e muito neste sentido.

¹⁰Disponível em: https://issuu.com/thinkolga/docs/minimanual_1_efe8621a394e2c acesso em 07 nov. 2019.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Elton. *Na cena da notícia: vestígios do jornalismo no assassinato de mulheres*. Belo Horizonte (MG), p.49-69, 2014.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. 2011. Editora Edições 70 - Brasil, 2011.

CAMINHAS, Lorena Rúbia Pereira. *Imagens de violência de gênero em telenovelas brasileiras*. Revista de Estudo Feminista vol.27 no.1 Florianópolis 2019 Epub 21-Fev-2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-026X2019000100208&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acessado em: maio de 2019.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. *Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado*. São Paulo. (2010). Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/publicacao/pesquisa-mulheres-brasileiras-e-genero-nos-espacos-publico-e-privado-2010/>. Acessado em: maio de 2019.

GRANDE, Cristiane Garcia. TV Pública sob o olhar do pesquisador. In: COUTINHO, Iluska (org.). *A informação na TV pública*. Discursos fotográficos, Londrina, v. 10, n. 16, p. 231-235, jan/jun. 2014.

GUERRA, Eliana Costa. *Violência contra mulher no espaço midiático brasileiro*. Temporais, Brasília (DF), ano 17, n.33, p.167-192, jan./jun. 2017.

GUIMARÃES, Maisa. PEDROZA, Regina. *Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas*. Revista Psicologia & Sociedade, Universidade de Brasília, Brasília (DF), 2015, 27(2),252-266.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. *Características dos portais brasileiros de notícias*. University Long Beach, Califórnia, v. 2, n. 1, p. 1-24, 2009. Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/197>>. Acesso em: outubro de 2019.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. *Dossiê Violência contra as mulheres*. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/feminicidio/>. Acessado em: maio de 2019.

PRIORE, Mary Del. et al. *História das mulheres no Brasil*. 3 ed. Editora Contexto. p.362-400.

PUCCININ, Fabiana. Jornalismo online e prática profissional: questionamentos sobre a apuração e edição de notícias para web. Santa Cruz do Sul: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2003. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/puccininfabiana-jornalismo-online-pratica-profissional.html>>. Acesso em: setembro de 2019.

SAFFIOTI, H. I. B. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SARMENTO, Rayza. *A cobertura jornalística sobre o feminismo brasileiro (1921 à 2016): relação de público e privado na narrativa sobre o ativismo*. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cidadania do XXVII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 05 a 08 de junho de 2018.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1989.

SCOTT, Joan. *Os usos e abusos do gênero*. Projeto História, São Paulo, n. 45, pp. 327-351, 2012.

SOUZA, Deise Caroline Krug de. *Jornalismo digital e violência contra a mulher: uma análise de conteúdo do portal de notícias G1*. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo) – Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis, Econômicas e da Comunicação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2016.

SILVA, Maria. FRANÇA, Vera. *Jornalismo e noticiabilidade: quem constrói os valores-notícia?* Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Sociabilidade do XXVI Encontro Anual da Compós, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo - SP, 06 a 09 de junho de 2017.

SWAIN, Navarro Tânia. *Por falar em liberdade*. 2014. Disponível em: http://www.tanianavarroswain.com.br/chapitres/bresil/por_falar_em_liberdade.htm

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.

ANEXOS

ANEXO A – GRUPO 1 DE NOTÍCIAS

Título	Port al	Autx r	Data	LINKS	Espaço/ tempo	Agen te do título	Vozes da notíci a	Caracte rísticas da vítima	Caracte rísticas do agressor	Agresso r suspeito ou culpado	Subtítul o	Tipo de violênci a	Presença de fotos ou foto	Observ ações
Motorista por aplicativo é preso suspeito de estupro de passageira idosa em Jundiaí	G1	Soro caba e Jund iaí	G1 Soro caba e Jund iaí	22/01/ 2019	https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2019/01/22/motorista-por-aplicativo-e-preso-suspeito-de-estuprar-passageira-idosa-em-jundiai.ghtml	Em Jundiaí, em um "uber"	Motociclista preso por estupro de passageira, PolíCIA Civil e homem suspeito, Uber divulga uma nota	uma senhora de 60 anos	motorista de aplicativo de 35 anos	Suspeito	Mulher de 60 anos prestou depoimento na delegacia. Primeiro ele disse que foi consensual e depois	Homem toca a mulher e a obriga a fazer sexo oral nele (isso configura como estupro)	vídeo de como a notícia foi transmitida em um telejornal. Ele tem 51 segundos	Em um primeiro momento o suspeito fala que foi consensual e depois ele nega

											negou tudo.			
Passageiro é detido ao se masturbar dentro de ônibus interestadual em Jundiá	G1	G1	23/01/2019	https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2019/01/22/passageiro-de-ônibus-e-detido-ao-se-masturbar-para-jovem-em-jundiai.html	Em um ônibus na Rodovia Anhanguera, em Jundiá	Passageiro que se masturbou no ônibus	Polícia Civil	Jovem de 16 anos que estava sentada ao lado do agressor	Rapaz de Jacutinga MG	Suspeito de importunação sexual	Veículo seguia de Minas Gerais para São Paulo quando garota de 16 anos gritou e o motorista parou para chamar a polícia.	sexual, pois o homem se masturbou ao lado da vítima	Somente uma foto da rodovia	a vítima gritou socorro e o motorista do ônibus ligou para a polícia
Jovem agredida pelo ex-marido	R7	Balão Gera 1	29/03/2019	https://recordtv.r7.com/balanco-geral-manha/videos/jovem-agredida-pelo-ex-marido-tera-que-	a localização da reportagem é	A vítima agredida	Vítima, que é entrevistada	Mãe de três filhos, está desempregada	ex-marido	Está preso por tentativa de	Talita Oliveira teve o nariz e parte da	A vítima teve o nariz e parte da orelha	a notícia se apresenta na forma de uma	A vítima passou por 5 cirurgias

terá que passar por mais 10 cirurgias	Manhã	passar-por-mais-10-cirurgias-29032019	Barueri (SP), mas isso não está explicito	pelo ex-marido	ela desde que foi vítima da violência. Sua respiração foi afetada após o ato. Tem depressão, nunca mais namorou e disse que não pretende	homicídio mas ainda não foi julgado. Foi preso 7 meses depois do crime.	orelha arrancada os pelo ex-marido. Depois do ataque, ela passou por 5 cirurgias reparadoras, mas ainda espera por mais dez procedimentos. Para assistir ao conteúdo na íntegra, assine	arrancados pelo Ex-marido, com a boca	vídeo, uma reportagem televisiva	se precisar á passar por mais 10. O crime aconteceu a um ano e meio. A vítima é entrevistada. Ela está confiante de que a justiça não vai falhar com ela e de que seu ex-marido pagará pelo crime, mas está ciente
---------------------------------------	-------	---	---	----------------	--	---	---	---------------------------------------	----------------------------------	--

										PlayPlus.com.			de que isso marcará sua vida para sempre.	
Policial militar é acusado de agredir adolescente na praia	R7	Balanço Gera 1	25/01/2019	https://recordtv.r7.com/balanco-geral/videos/policial-militar-e-acusado-de-agredir-adolescente-na-praia-25012019	Em uma praia do RJ (durante o dia)	O policial militar acusa o do crime	Somente os jornalistas falam e dão sua opinião sobre o que aconteceu	Mais de uma pessoa é agredida mas o destaque é a uma adolescente que foi agredida pelo policial, que não é identificada	Policial	O policial foi identificado e a polícia garantiu que medidas administrativas foram tomadas em relação a essa atitude	O caso aconteceu em uma praia no Rio de Janeiro. O policial abordou a adolescente pois acreditava que ela estava com um cigarro de maconha. Com	Depois de um bate boca um policial bate em uma mulher com um cacetete	a notícia tem um vídeo que parece ter sido filmado de um celular e que ilustra o que acontece	O repórter narra o vídeo de celular. Aparentemente a agressão foi desenhada porque o policial achou que os jovens estavam com um cigarro de

											a confusã o, outras pessoas se envolver am e o policial atacou a adolesce nte. Para assistir ao conteúd o na íntegra, assine PlayPlus .com			maconh a
Mulher é agredi da por integra nte da Vai- Vai em ensaio	R7	Márc io Neve s, do R7, com Isabe la Nole	20/01/ 2019	https://noticias.r7.com/sao-paulo/mulher-e-agredida-por-integrante-da-vai-vai-em-ensaio-no-sambodromo-20012019	Em um sambód romo, no ensaio da Vai- Vai, na madrug ada do	A vítim a, uma mulh er é agred ida	Políci a, Escola de Samba e pessoa s que filmar	mulher, vítima	homem, integrant e da Vai- Vai	é dito como homem, apenas	A agressão feita pelo homem foi gravada por várias	física	tinha um vídeo que já não está mais disponív el	A Escola de Samba publico u em suas redes sociais

no sambódromo		to, da Agência Record			domingo		am a agressão				peessoas que assistiam ao desfile da escola no sambódromo e compartilhada nas redes sociais			uma nota de repúdio, onde diz que o agressor está afastado da escola e que a vítima será assistida pela mesma
Homem é preso por cárcere privado e sequestro da ex-mulher	R7	Isabela Noleto, da Agência Record	19/03/2019	https://noticias.r7.com/sao-paulo/homem-e-presos-por-carcere-privado-e-sequestro-da-ex-mulher-19032019	Bairro Iguatemi na zona leste de SP, na casa do homem (de tarde)	Homem preso por cometer crime contra a ex-mulher	A mulher tem sua fala posta de forma implícita	mulher de 24 anos	Ex-marido que nunca havia tido comportamento agressivo	o agressor está preso, preventiva por sequestro e cárcere privado	A agressão feita pelo homem foi gravada por várias pessoas que assistiam	flagrante de violência doméstica e cárcere privado. A vítima teve pertences	Uma foto que não acrescenta informações ao fato está disponível. Além delas hiperlinks que não	A notícia permite entender o decorrer do crime pela forma como é narrada,

											m ao desfile da escola no sambódromo e compartilhada nas redes sociais	destruídos, seu celular tomada e foi ameaçada com uma faca	se relacionam diretamente a notícia estão no meio desta	de forma até cronológica e traz informações legais sobre o crime. O Grupo de Ações Táticas Especiais foi responsável por negociar com o agressor e liberar a vítima. A notícia
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---	--	---	--

														estava em uma especial chamada 'R7 notícias violência contra a mulher'
Jovem denunciado por agressão e cárcere privado	R7	Balanço Gera 1	18/01/2019	https://recordtv.r7.com/balanco-geral/videos/jovem-denuncia-ex-namorado-por-agressao-e-carcere-privado-18012019	aconteceu em Orlando EUA, onde o casal morava	A vítima denunciou o agressor	A vítima brasileira, Isabele Santana Gonçalves, de 21 anos, que estudava na universidade de Orlando Florida, EUA	estudante e empresário, Daniel Tavares Gouveia de 24 anos, se apresentava como jogador de futebol	foi denunciado por agressão e cárcere privado em seguida foi preso em Orlando Flórida por 5 acusações, uma	A estudante Isabele Santana Gonçalves, de 21 anos, gravou um vídeo para denunciar as agressões que sofria enquanto	o homem bateu, na então namorada, com um taco de beisebol, ela disse que bateu tão forte que depois não conseguiu	a reportagem é narrada por uma reportagem em vídeo. Aparecem fotos dos ferimentos, A vítima é entrevistada. O vídeo tem 6:14	A vítima denunciou, o agressor pagou a fiança e fugiu para o Brasil. A reportagem é narrada por uma repórter. O homem	

										<p>delas o a andar. minutos. ficou posse de namorav A Aprece agressiv maconh a o ameaçou uma foto o depois a, mas empresá com do que eles pagou rio uma agressor. começar fiança Daniel faca, Ao longo am a de 55 Tavares puxou o da morar mil reais Gouvea. cabelo reportage juntos. e foi Ele dela, m Relato liberado chegou batia a também feito . Depois a ser cabeça aparecem com disso o preso dela no vídeos exclusiv agressor nos chão e a do idade voltou Estados trancava agressor para o Unidos, no andando portal Brasil onde banheiro de carro. R7. eles (a Agresso morava vítima é r tentou m, mas claustrof se matar pagou a óbica). dizendo fiança e além de que fugiu abusos culpa para o psicológ era da Brasil. icos vítima. Para assistir Ela deu ao seu relato conteúd dizendo</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---

											o na íntegra, acesse PlayPlus .com		que espera que isso ajude outras vítimas, pois isso é um caso muito grave e muitas mulhere s sofrem violênci a. O agressor foi procura do na sua casa em SP, mas não atendeu a equipe com base em orientaç
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---

														ões de seu advogado nos EUA, aparece a imagem de um e-mail do advogado. A reportagem termina com a vítima militando.
Médico é preso em flagrante ao tentar matar	R7	Agência Estado	17/01/2019	https://noticias.r7.com/sao-paulo/medico-e-preso-em-flagrante-ao-tentar-matar-mulher-gravida-17012019	na casa do casal, no bairro Santa Rosália, Sorocaba	Homem preso em flagrante	Polícia civil, relato da médica, fala do agressor	Médico, 38 anos, tinha passagem na polícia por	agressor teve prisão preventiva decretada, por tentativa	Homem de 38 anos chegou a empunhar uma faca	violência física, ameaça, tentativa de homicídio, tentou sufocar	uma foto que não acrescenta informações nenhuma a notícia	Mais uma vez a notícia é detalhada, e relata toda a	

mulher grávida					a (SP) (madrugada)		or em aspas e ao final do texto		injúria e danos	de feminicídio, lesão corporal e ameaça	para atacar a mulher, que está no sétimo mês de gravidez	a vítima e ameaçou com uma faca, disse que ela iria perder o bebê		situação de violência e como ela foi interrompida. Os vizinhos aparecem aqui como denunciantes dos gritos que ouviram. Há a presença de vítima e agressor falando. A notícia estava em uma
----------------	--	--	--	--	--------------------	--	---------------------------------	--	-----------------	---	--	---	--	--

														especial chamada 'R7 notícias violência contra a mulher'
Policial militar é afastado do trabalho após agredir a ex-mulher	R7	Fala Brasil	16/01/2019	https://recordtv.r7.com/fala-brasil/videos/policial-militar-e-afastado-do-trabalho-apos-agredir-a-ex-mulher-16012019	a mulher foi agredida em seu trabalho, em uma farmácia no Paraná	O policial agressor	A vítima faz um relato	Ex-mulher, balconista	irritado, policial, sargento Josemar Felts	O sargento foi afastado das ruas e teve sua arma recolhida. Uma medida protetiva foi pedida a polícia para impedir que o homem chegue	O sargento Josemar foi até a farmácia onde a ex-mulher trabalhava para agredila. De acordo com a vítima, Josemar não aceitava que ela trabalhasse	O homem discute com a mulher e depois a puxa pela roupa e pelo cabelo, ele também agride um homem que tenta defendê-la.	a notícia é contada em uma reportagem de 1:31 minutos, e tem imagens da câmera de segurança de um estabelecimento. Entrevista que deixa o rosto da	Mulher conta que o ex-marido tinha ciúme e não queria que ela trabalhasse

										novamente perto da mulher	sse fora de casa e que por este motivo ela pediu divórcio . Para assistir ao conteúdo na íntegra, acesse PlayPlus .com	Depois disso o homem joga produtos que estavam a venda na mulher	mulher em anônimo	
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---------------------------	--	--	-------------------	--

ANEXO B – GRUPO 2 DE NOTÍCIAS

Título	Portal	Auxiliar	Data	LINKS	Espaço/Tempo	Agente do título	Voze s da notícia	Carac terísti cas da vítima	Carac terísti cas do agressor	Agre ssor suspeito ou culpa do	Form a da morte	Motiv ação do ato	Pres ença de fotos e/ou vídeo	Subtít ulo	Obse rvaçõ es
Jovem mata namorada e fere mãe da vítima a a facadas, diz polícia	G1 Paraná	G1 Paraná	10/03/2019	https://g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/noticia/2019/03/10/jovem-mata-namorada-e-fere-mae-da-vitima-a-facadas-diz-policia.ghtml	Ponta Grossa, nos campos Gerais do Paraná, na casa da vítima (madrugada)	Agressora namorada e fere sua mãe	Polícia e vizinhos vítima da ferida	jovem de 24 anos e estudante de direito que foi morta e mãe da vítima de 60 anos que foi ferida	jovem e namorado da vítima		facadas na região do pescoço	o casal havia brigado antes da morte uma danceteria	uma selfie da vítima	Crime foi cometido na madrugada deste domingo (10), em Ponta Grossa; o está foragido;	Homem invadido e casa da namorada após uma briga, a mata e também fere sua mãe.

														idosa foi encami nhada em estado grave para o hospita l.	A vítim a havia ligad o para políci a antes do crime acont ecer
Susp eito de matar a namo rada fez decla ração de amor dois dias	G1 PR e RP C Pon ta Gro ssa	G1 PR e RPC Ponta Gros sa	11/0 3/20 19	https://g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/noticia/2019/03/11/suspeito-de-matar-a-namorada-fez-declaracao-de-amor-dois-dias-antes-do-crime.ghtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=g1pr	Ponta Grossa , nos campos Gerais do Paraná , na casa da vítima (madr ugada)	suspe ito de matar namo rar	Políci a e mens agem do crimi noso para a	jovem de 24 anos e estuda nte de direito que foi morta e mãe da vítima de 60 anos	jovem de 22 anos	suspe ito e sob busca s da políci a	facada s na região do pescoço	o casal havia brigad o antes da morte em uma dancet eria	uma foto (print) de uma mens agem nas redes socia is e um vídeo	Mensa gem foi direcio nada à estuda nte de direito Lidian e Oliveir a pelo namor ado;	Namo rado faz declar ação de amor públi ca a vítim a um dia antes de

antes do crime (as duas notícias tratam do mesmo caso)							que foi ferida						jovem avisou a polícia sobre ameaças do namorado meia hora antes de ser morta a facadas, em Ponta Grossa	matá-la. Políci a foi até a casa da vítima e fez o BO, mas após ir embora o crime aconteceu
Mulher é morta com mais de 20 facadas em	G1 Soroca	Eduardo Ribeiro Jr.	06/01/2019	https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2019/01/06/mulher-e-morta-com-mais-de-20-facadas-em-itupeva-suspeito-e-o-ex.ghtml	Bairro Santa Helena, Itupeva (SP), na casa	Vítima, mulher é morta, o "suspeito"	Polícia	mulher de 34 anos ex-marido	suspeito e sob busca da polícia	23 facadas pelo menos foram encontradas pelos	não está explícita	fotos da família, do local do crime e	Elizangela Pereira de Almeida foi encontrada	vizinhos escutam gritos e chamaram

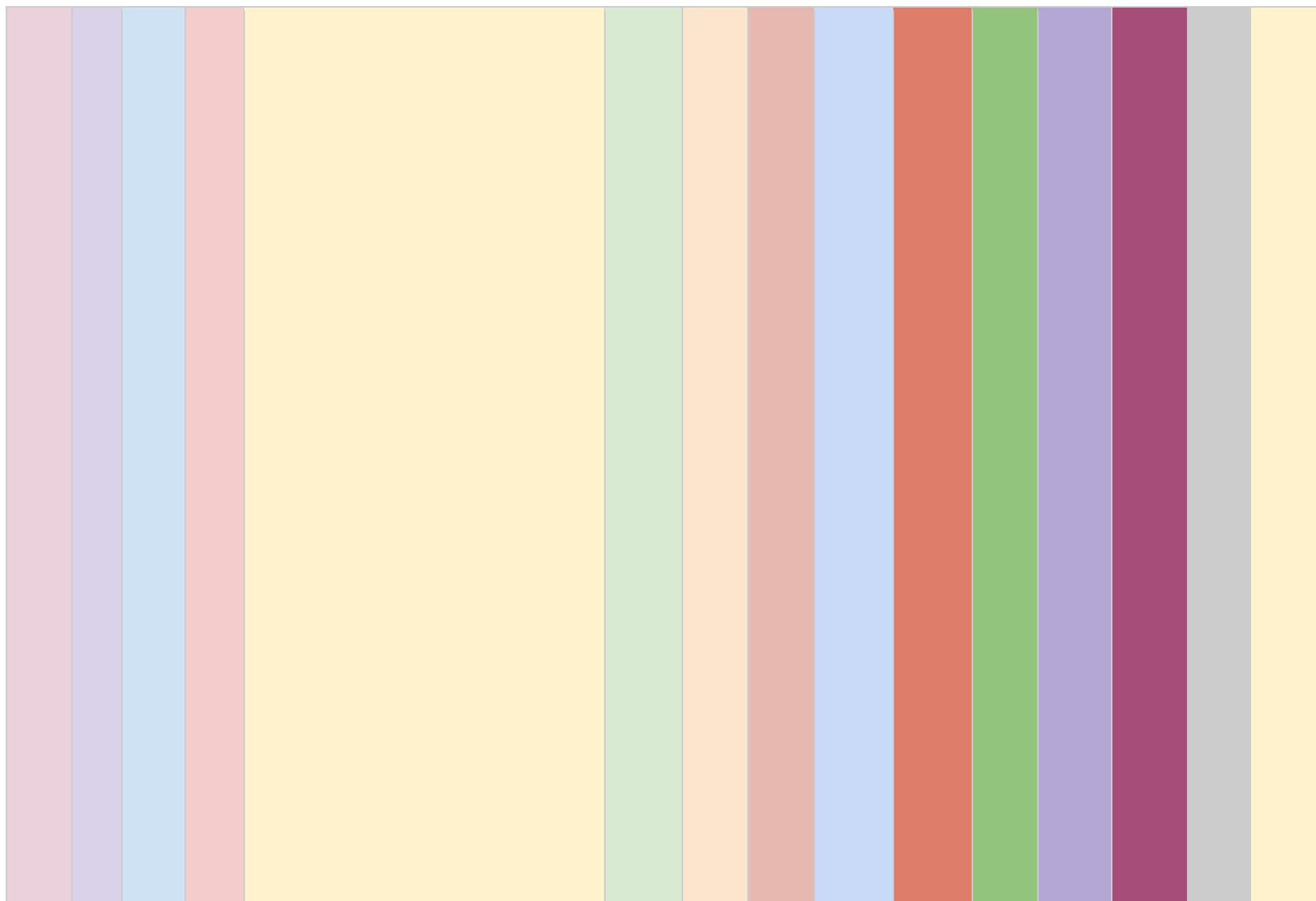
Itupeva; ex é suspeito					da vítima (de noite)	autor da morte é o ex					médicos		do criminoso	grave mente ferida na casa do homem após denúncia de vizinhos, que escutam gritos e viram ele indo em direção a uma área de mata	a polícia, eles também viram o criminoso saindo da casa e indo em uma direção de mata. Quando a polícia chegou a casa da vítima
---------------------------	--	--	--	--	----------------------	-----------------------	--	--	--	--	---------	--	--------------	--	---

														a ela estava gravemente ferida e chegou ao hospital sem vida
Homem invade casa, mata a ex-mulher e fere a mãe e irmã dela em Virgem	G1 Grande Minas	G1 Grandes Minas	06/01/2019	https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2019/01/06/homem-invade-casa-mata-a-ex-mulher-e-fere-a-mae-e-irma-da-vitima-em-irgem-da-lapa.ghtml	na casa da vítima, em Virgem da Lapa (MG) (de tarde)	O homem que assassinou a ex-companheira e agrediu a família dela	Polícia e Testemunhas não identificadas	mulher de 25 anos	ex-namorado de 38 anos	suspeitos que não foram encontrados pela polícia	Tiro dado pelas costas da vítima que morreu e tiros e facadas em sua irmã e mãe	O ex-companheiro não aceita o fim do relacionamento que tinha acontecido em outubro	sem nenhuma imagem	Segundo o autor do crime agiu junto a seu irmão e não sozinho e os dois fugiram em

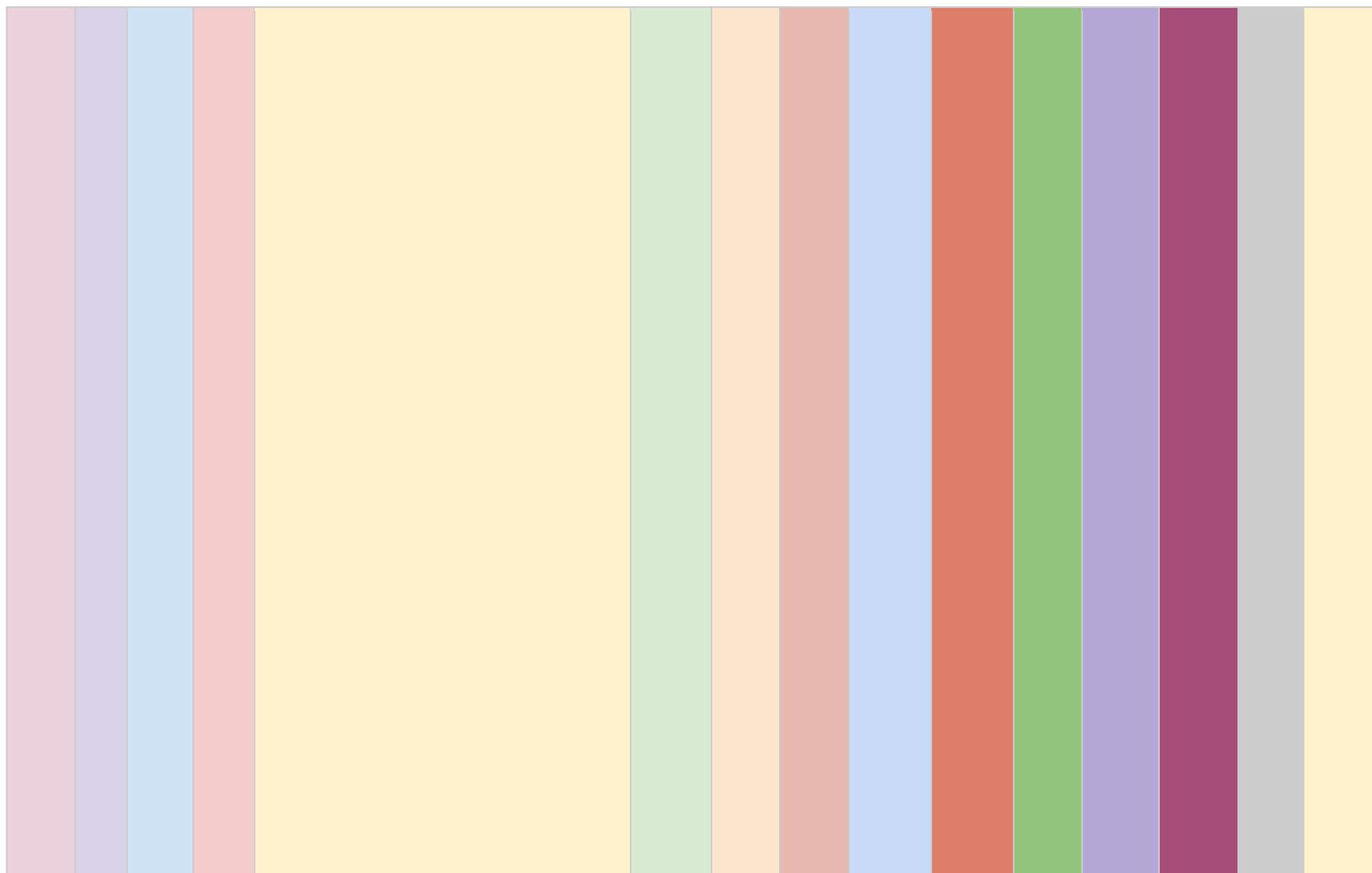
m da Lapa														o passado		foram baleadas e esfaqueadas.	um carro. As testemunhas do caso não foram identificadas e nem o estado das duas mulheres também vítimas da violência
Mulher é assassinada	G1 Grande	G1 Grande	06/01/2019	https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2019/01/06/mulher-e-assassinada-pelo-ex-companheiro-	casa da vítima,	A mulher	Polícia e Teste	mulher de 22 anos	ex-companheiro	autor do crime	atingida por golpes	o autor do crime	sem nenhuma	Vítima e autor vivera			

sinada pelo ex-companheiro com golpes de facão em Francisco Sá	Minas	Minas		com-golpes-de-facao-em-francisco-sa.ghtml	no Bairro João Gonçalves, em Francisco Sá (MG) (madrugada)	que foi morta	munhas não identificadas		de 32 anos	que não foi encontrado	de facão no pescoço e costas	não aceita o fim do relacionamento de 4 anos, que tinha terminado a 2 meses	imagem em	m juntos por cerca de quatro anos, mas homem não aceitava o fim do relacionamento; mulher foi atingida no pescoço e nas costas.	
SP: agente mata namoro	R7	Agência Estad	25/02/2019	https://noticias.r7.com/sao-paulo/sp-agente-mata-namorada-viaja-com-o-corpo-e-comete-suicidio-25022019	na casa do casal, na	Homem namorada	famílias, policiais civil	namorada	agente penitenciário de 37 anos	o homem suicida	arma de fogo	durante uma briga do casal,	há um vídeo de uma	Namorada havia encontrado	Após o crime o homem

rada, viaja com o corpo e come te suicí dio					zona leste de Soroca ba (de noite)	e se suici da				dou- se	porque a namor ada havia achad o mensa gens de outra mulhe r em seu celular	prop agan da e dois links de outro s casos de violê ncia contr a a mulh er	mensa gens de outra mulher no celular do agente penite nciário . Eles discuti ram e ela teria tentad o tirar o revól ver de sua mão	m viagem com o corpo da vítim a, contou a sua família o que havia feito e se matou. As mortes foram regist radas como homicí dio
--	--	--	--	--	---	---------------------	--	--	--	------------	---	---	---	---



e suicíd io. A notíci a se apres enta de forma bem detalh ada e em uma narrat iva linear . Outra notíci a está prese nte ao fim da report agem, sobre



um caso que envolve uma brigada de casal e o disparo de arma de fogo. notícia do 'R7 notícias violências contra mulher'

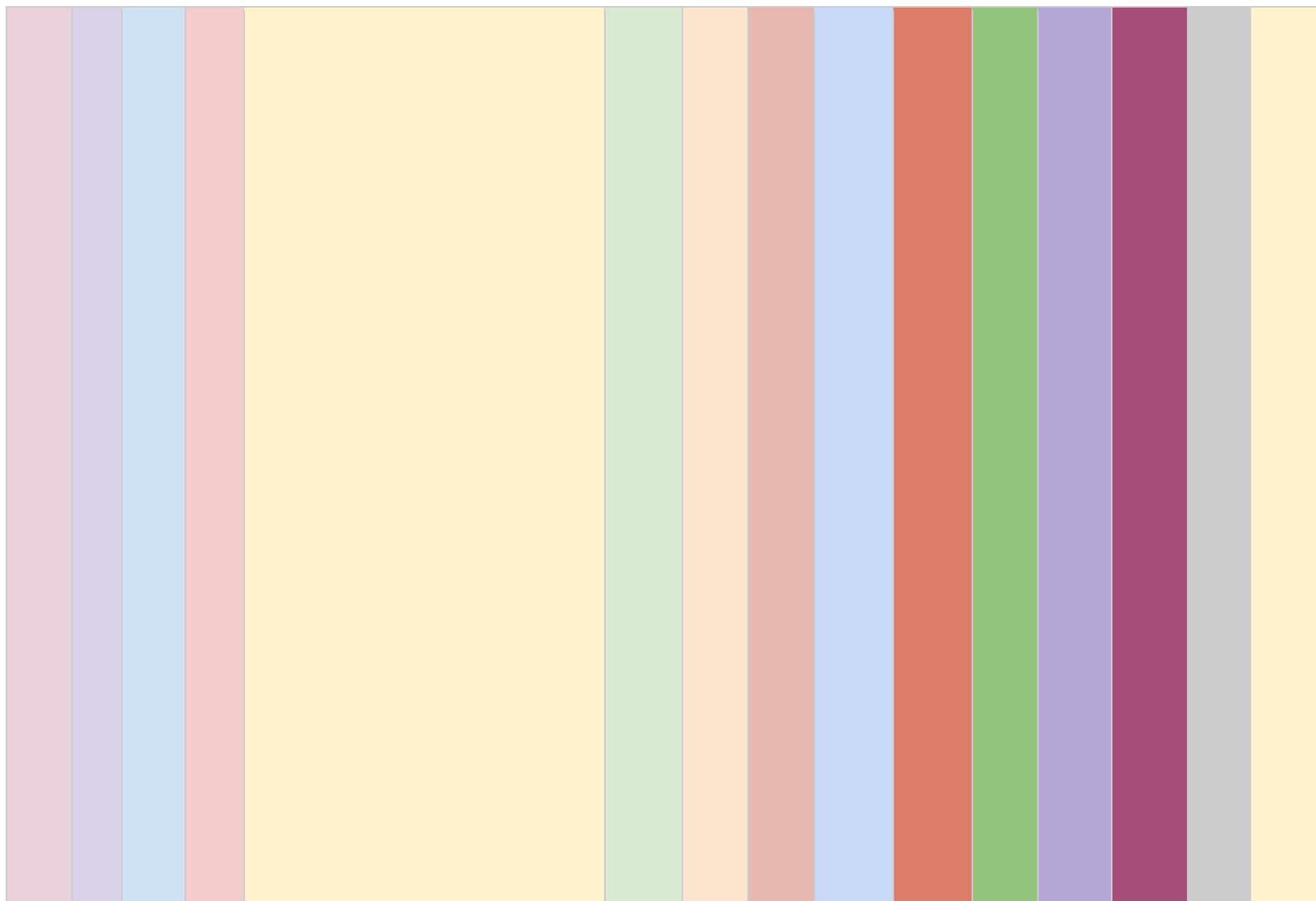
Mulher é morta a facadas pelo ex-marido, em Vargem Grande Paulista	R7	Rafael Custódio, da Agência Record	13/02/2019	https://noticias.r7.com/sao-paulo/mulher-e-morta-a-facadas-pelo-ex-marido-em-vargem-grande-paulista-13022019	Vargem grande paulista na região metropolitana de SP, não há informação sobre onde o crime aconteceu (de tarde)	Vítima é morta pelo ex-marido	polícia militar	mulher	ex namorado	o homem foi preso	facada	não é dita	e.	uma imagem de uma praça da cidade.	A vítima foi socorrida e levada para o pronto socorro do Hospital Bela Vista, onde passou por cirurgia, mas não resistiu aos ferimentos e morreu	a mulher foi socorrida mas não resistiu as cirurgias. A secretária de segurança pública não forneceu as informações sobre o crime
--	----	------------------------------------	------------	---	---	-------------------------------	-----------------	--------	-------------	-------------------	--------	------------	----	------------------------------------	--	---

															. Não há nenhum tipo de identificação da vítima ou do criminoso. Notícia do 'R7 notícias violência contra mulher'
Mãe e filha	R7	Agência	12/02/2019	https://noticias.r7.com/sao-paulo/mae-e-filha-sao-encontradas-	dentro de casa	vítimas	não está impli	mãe 40 anos, filha	o nome e a idade	dito como suspe	a forma da	o criminoso	há foto de	Suspeito teria brigad	notícia do 'R7

são encon tradas mortas em São Carlos; marido está preso	Estado	mortas-em-sao-carlos-marido-esta- preso-13022019	em Jardim Medeiros, São Carlos (SP)	encontrada mortas	citado quem tem voz nessa notícia, mas existem informações de origem legal e outras que parecem ser do criminoso e de sua mãe	18 anos	do criminoso não aparece em	ito, e será indiciado por duplo homicídio na modalidade de feminicídio	morte não está revelada pois quando foram encontrados, os corpos , já estava em estado de decomposição, a hipótese é que a morte tenha sido causada	contou que brigou com a mulher por desconfiar de traição à familiares	uma rua da cidade	o com a mulher ao desconfiar de uma traição , ocasião em que a filha dela, de 18 anos, tentou intervir e também foi atingida	notícias violência contra mulher'. O criminoso tem outra filha que levou para a casa de sua mãe após cometer o crime . A mãe dele desco
---	--------	--	--	----------------------	---	------------	---	---	---	--	----------------------------	--	---

							que o denunciou				a por facadas.			briu o crime e o denunciou. Ele foi encontrado em outra cidade e após fugir
Médica cubana é morta pelo marido com chave de fenda em	R7	Agência Estad	06/02/2019	https://noticias.r7.com/sao-paulo/medica-cubana-e-morta-pelo-marido-com-chave-de-fenda-em-maua-sp-06022019	na residência do casal, no bairro Jardim Olinda em Mauá na Grand	vítima é morta pelo marido	Família da vítima e criminoso	médica, cubana de 37 anos (Laidy Sosa Ulloa Gonçalves)	Vigia de 45 anos, nome dele não aparece	suspeito foi preso em flagrante	golpes de chave de fenda	o vigia confessou ter matado a esposa e apontou uma área da mata onde o	Suspeito, um vigia de 45 anos, foi preso em flagrante e indiciado por homicí	Criminoso foi encontrado pela polícia a traficando pela estrada dos

Mauá (SP)					e SP (de noite)						corpo estava enterrado à polícia, mas não há informação sobre a motivação do ato		dio qualificado, feminicídio e ocultação de cadáver	Fernandes, em Ribeirão Pires, cidade e vizinhança. Ele foi indiciado por homicídio qualificado, feminicídio e ocultação de cadáver no 1º DP
-----------	--	--	--	--	-----------------	--	--	--	--	--	--	--	---	---

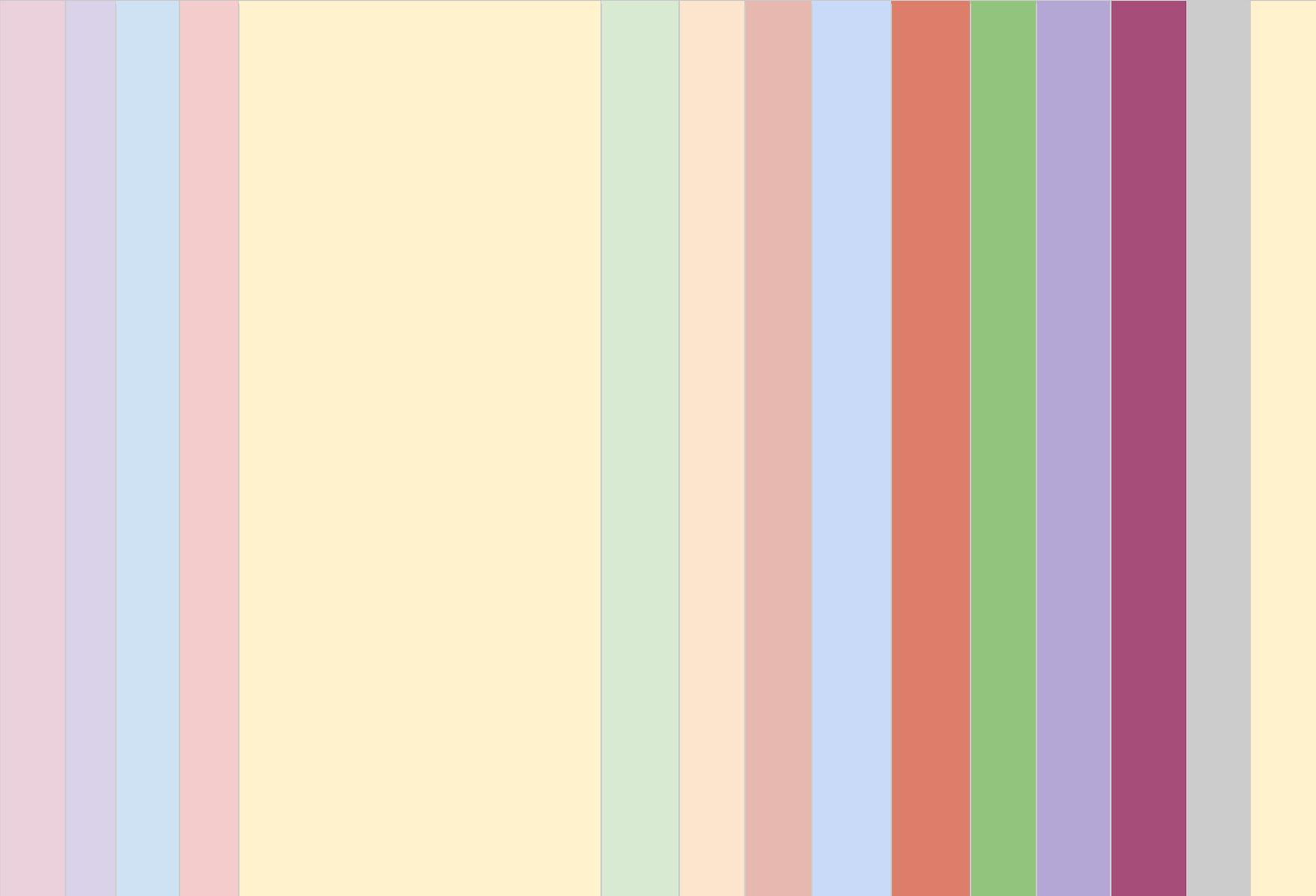


														de Mauá . A vítim a fez parte do progr ama Mais Médi cos. Há um hiperl ink com uma notíci a de mesm o tema, no meio da notíci a.
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---

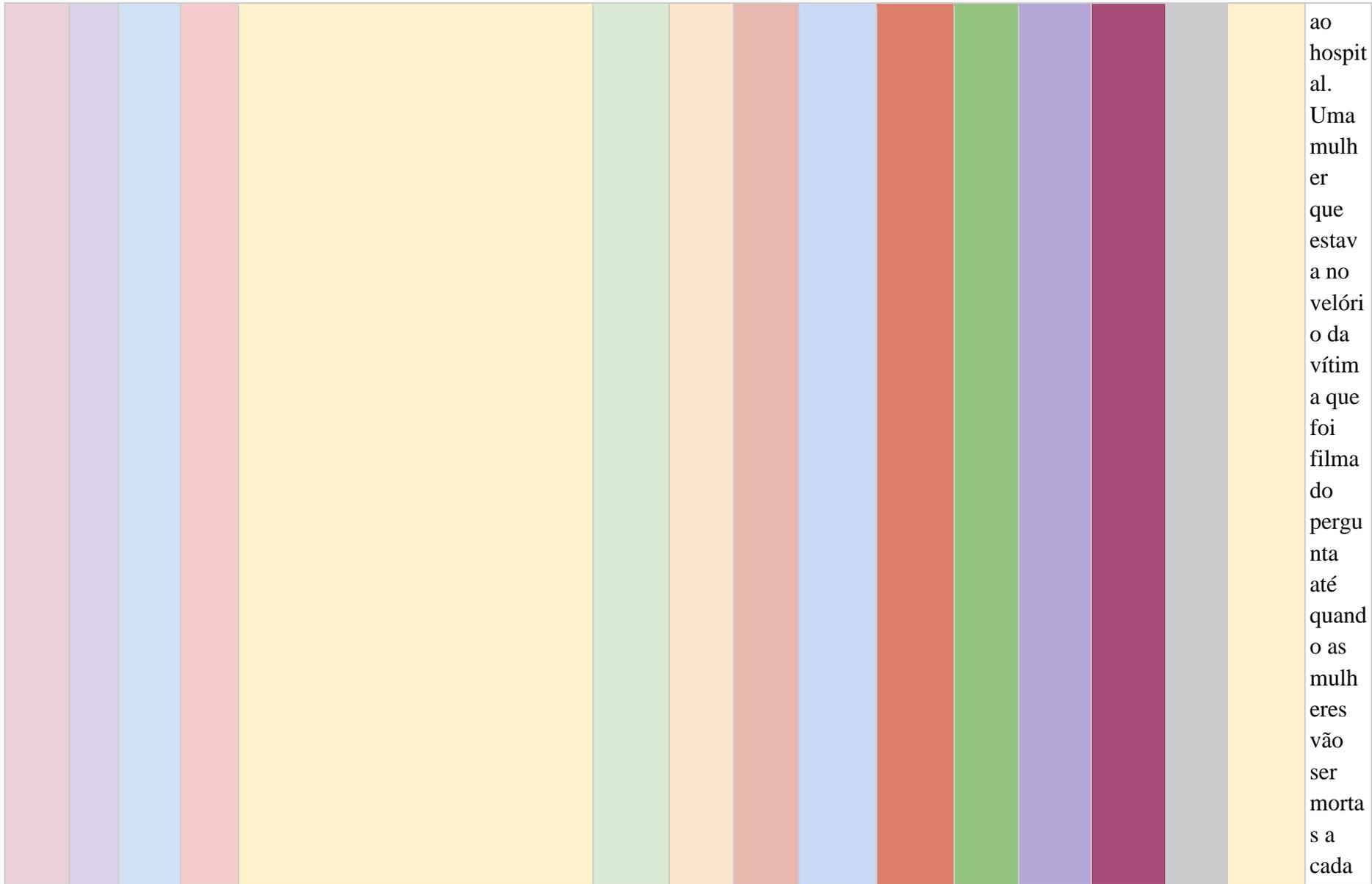
Mulher revelada antes de morrer em hospital que foi agredida pelo noivo	R7	Balação Geral	04/02/2019	https://recordtv.r7.com/balanco-geral/videos/mulher-revela-antes-de-morrer-em-hospital-que-foi-agredida-pelo-noivo-04022019	no apartamento da veterinária em São Caetano do Sul, SP	mulher conta que foi agredida pelo noivo	Família e amigos da vítima, e funcionários do hospital. irmão de vítima é entre vistado, vizinha também fala, sem mostrar rosto	"Mulher amada chegou ao hospital praticamente desmaiada, agonizando", Ela se chama Paula Patrícia de Melo, 38 anos, veterinária. Segundo amigos e família	Givani Lson Valdimiro, mais conhecido como Giovani, de 26 anos, marceiro, era carinhoso como namorada, era calmo, tranquilo, sossegado, não tinha	Funcionários do hospital chamam a polícia. 'O homem saiu do hospital direto para prisão e confessou o crime', disse repórter. O suspeito	20 facadas, a vítima chegou ao hospital com vida mas não sobreviveu a cirurgia	Ninguém entende o porque do crime, nenhuma pessoa ouvida imaginava que algo assim pudesse acontecer	Notícia conta em vídeo de 4:55 minutos. Aparece uma foto do casal. Polícia divulgou fotos de como o apartamento foi socorrido	Após a noiva com golpes de faca, Geovane levou ao hospital, onde disse que os dois haviam sido assaltados por um bandido armado. A vítima foi socorrida	Há presenças das Tags: record; balanço geral; violência contra mulher; agressão; homem agride a noiva; mulher morre.
---	----	---------------	------------	---	---	--	---	---	---	--	--	---	---	---	--

							res era extrem amente amoro sa e carinh osa, fazia trabalh o volunt ário, adorav a estudar , morou na china para aprend er técnica s de acupun tura, estuda va para	passag em pela polícia	ito foi preso em flagra nte. O home m respo nderá pelo crime de femin icídio			ntrad o, a facha da do apart amen to tb é filma da e há um foco na garag em por onde o casal saiu de carro para ir ao hospi tal	da e, ao recupe rar a consci ência, acusou o própri o noivo pela agress ão. O rapaz foi preso e a vítima não resistiu e faleceu . Para assistir ao conteú do na	Repór ter relata que home m chega ao hospit al e diz que o casal havia sido assalt ado e que o bandi do tinha uma faca, mas antes de morre r a
--	--	--	--	--	--	--	--	---------------------------------	---	--	--	---	--	---

								concur so públic o						íntegra , acesse PlayPl us.com	mulh er o desm enti. O repórt er narra a notíci a de forma muito dram ática, encen ada e apelat iva. Tamb ém há uma trilha sonor a que aume nta o dram
--	--	--	--	--	--	--	--	-----------------------------	--	--	--	--	--	--	---



a. "O repórter diz que ele ataco u ela." Testemunhas falaram que o homem tentou ligar para o socorro mas devido a demora, foi



ao hospit al. Uma mulh er que estav a no velóri o da vítim a que foi filma do pergu nta até quand o as mulh eres vão ser morta s a cada
--

															hora e agredidas,
Jovem grávida é morta pelo namorado no interior de SP	R7	Agência Estad	23/01/2019	https://noticias.r7.com/sao-paulo/jovem-gravida-e-morta-pelo-namorado-no-interior-de-sp-24012019	na casa em que o casal dividia no bairro Jardim cruzado (pela notícia não é possível entender se esse bairro fica na cidade de Araraquara	mulher, jovem grávida é morta por namorado	Polícia, delegado autor do crime	jovem grávida de 22 anos. Luana Ramos Vilhena	adolescente de 17 anos, rapaz, revoltado	apreendido sob acusação, suspeito	foi exatamente causa da morte	". Ela teria sido morta após receber e apagar uma mensagem de celular antes de violência contra a mulher no meio da notícia	nenhuma imagem mas há outro s dois links sobre notícias de violência contra a mulher no meio da notícia	Ela teria sido morta após receber e apagar uma mensagem de celular antes de violência contra a mulher no meio da notícia	O caso foi qualificado pela Polícia civil de Araraquara como feminicídio e o autor do crime foi encaminhado para

					ou de Ibaté) (de noite)								companheira	unidade local da Fundação Casa. Há presença de uma fala do delegado Adriano Callsen Alexandrino	
Mulher é encontrada	R7	Ingri d Nava rro, da	23/01/2019	https://noticias.r7.com/sao-paulo/mulher-e-encontrada-mortano-capao-redondo-na-zona-sul-de-sp-23012019	na casa da vítima no	vítima é encontrada	Polícia	não há nenhuma caracterização	homem de 34 anos, que	principal suspeito, depois	a forma da morte não	Na notícia não está presente	Há um vídeo de 26 segundos	Principal suspeito é um homem	Ao chegar na delegacia o

morta no Capão Redondo, na zona sul de SP	Agência Record		Capão Redondo, zona sul de SP	a morta		da vítima	estava sempre com a vítima	s ele é encontrado e preso, autuado em flagrante por homicídio	foi revelada pela notícia	te a motivação do crime	ndo que mostra o homem carregando o corpo da mulher. No vídeo aparecem vozes de dois homens comentando a cena, ele parec	m de 34 anos. Imagens mostram o momento em que ele saiu da casa da vítima carregando um corpo	home m foi agredido e teve que ir ao hospital mas depois retornou a delegacia. muitas informações estão faltando nessa notícia. Ela não
---	----------------	--	-------------------------------	---------	--	-----------	----------------------------	--	---------------------------	-------------------------	--	---	---

													e ter sido gravado por um celular		responde à perguntas contidas em um lead.
Polícia pede prisão de suspeito de matar sobrinha de 15 anos em SP	R7	Agência Estadão	22/01/2019	https://noticias.r7.com/sao-paulo/policia-pede-prisao-de-suspeito-de-matar-sobrinha-de-15-anos-em-sp-23012019	Na calçada da casa do avó, em Guataparã, no interior de São Paulo.	polícia que pede a prisão de um suspeito de matar sobrinha	família vítima mãe e irmã, e vizinhos da família e Delegado	sobrinha, a menina de 15 anos, Layane Carrile Silva, namorada de um homem de 29 anos	o homem, tio da garota, era caçado e sabia atirar, tinha uma oficina de motos, seu nome é Jean Michel	o criminoso é dito como suspeito 7 vezes ao longo da notícia, ainda que a mesma traga argu	aparentemente em meio a uma briga de rua, o criminoso que já havia ameaçado a vítima morte, matou.	uma selfie da vítima aparece logo no início da reportagem	Homem não concorda com o namorado dela um rapaz mais velho. Ela foi morta com um tiro de espingarda na	O crime é contado de forma detalhada, há presença de mais de uma fonte da família da	

									mentos que indicam fortemente que ele é culpado		Parece que sua motivação era o fato de não concordar com o namoro da adolescente		cabeça em Guatapurá	vítima e uma visão legal da posição do criminoso, além disso o delegado aparece mais de uma vez na notícia	
Policial mata a ex,	R7	Pablo Nascimento	04/01/2019	https://noticias.r7.com/minas-gerais/policial-mata-a-ex-atira-no-tio-da-vitima-e-tira-a-propria-vida-04012019	na casa da avó em	policial mata a ex,	famílias	Nayara Lopes, jovem de 23	Marco Antônio Soares,	O homem não é	a mulher foi morta	Ele vinha tendo crises	uma foto da mulher	Segundo a família da	O repórter chamou

atira no tio da vítim a e tira a própr ia vida		o, do R7			Nova Lima, região metrop olitana de BH	fere famíl ia dela e depoi s se mata		anos, tentava reconst ruir a vida após o divórci o e por isso tinha voltad o a casa dos pais na zona rural do vale do aço, estuda nte de psicolo gia	soldad o da PM, ele tinha compo rtamen to agressi vo com a ex mulher e já tinha passad o por tratam ento contra drogas, inconf ormad o, ciume nto e já havia	acusa do pois ele come teu suicí dio após o crime	a tiros, que també m atingir am seu tio que estava no local do crime, mas ele não morre u,	de ciúme s, quebro u o celular dela e não aceita va que ela fazia faculd ade. Ele não aceita va o fim do casam ento de 5 anos	er apare ce no come ço da repor tage m. a mes ma é finali zada com um vídeo de 2:54 segu ndos com mais detal hes sobre o caso. no vídeo	jovem de 23 anos, home m não aceitav a o fim do casam ento de cinco anos; crime aconte ceu em Nova Lima (MG)	a o crime de tragé dia no vídeo . A famíli a da vítim a acredi ta que o home m planej ou encon trar a mulh er para assina r o divór cio
--	--	-------------	--	--	---	---	--	--	---	---	--	---	--	---	--

										ameaçado matar a esposa, "doido com uma arma de 7mm dada pela polícia"				aparecem fotos do casal.		como um motivo para matá-la
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--------------------------	--	-----------------------------